

## O IMAGINÁRIO DA GUERRA FRIA

Orivaldo Leme Biagi<sup>1</sup>

### Introdução

O presente artigo pretende discutir a formação da Guerra Fria, fenômeno determinante de grande parte das relações políticas mundiais depois do fim da Segunda Guerra Mundial até 1989, momento da derrubada do Muro de Berlim e do início do desmantelamento da União Soviética, processo este encerrado em 1991, como um imaginário social.

Entendemos como imaginário a definição dada por Castoriadis, ou seja:

O imaginário não é a partir da imagem do espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho” e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário, que é a criação *ex nihilo*. (...) O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos.<sup>2</sup>

De acordo com essa definição, apenas podemos nos referir a alguma coisa quando ela foi criada imaginariamente - ou, em outras palavras, *quando ela foi instituída*. Quando o autor emprega *ex nihilo*, que

---

<sup>1</sup>. Orivaldo Leme Biagi fez o Bacharelado em Direito pela Universidade São Francisco (USF) de Bragança Paulista; fez Bacharelado, Licenciatura, Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sendo que a Tese de Doutorado, base do presente artigo, chama-se **O imaginário e as guerras da imprensa - Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973)**; atualmente leciona História no Colégio Objetivo de Taubaté e História da Educação no curso de Pedagogia da FAAT (Faculdades Atibaia). E-mail: [olbiagi@yahoo.com](mailto:olbiagi@yahoo.com)

<sup>2</sup>. CASTORIADIS, Cornélius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982, p. 13.

significa a partir do nada, não está dizendo que esse nada seja total ou absoluto, mas sim uma série de indeterminações que são processadas imaginariamente e o seu resultado é instituído, podendo-se, então, a partir daí, falar-se de alguma coisa, que é a parte instituída. A instituição da sociedade decorre de uma “materialização”, de um magma de significações imaginárias sociais, somente a partir das quais os indivíduos e objetos podem ser captados ou mesmo simplesmente existir<sup>3</sup>.

A Guerra Fria (imaginário que envolveu as duas guerras) foi um exemplo literal dessa “construção”, pois resulta da materialização de um magma de significações imaginárias sociais ligados aos problemas políticos do pós-Segunda Guerra Mundial. O termo tornou-se perfeito para se entender o momento político internacional, pois havia mesmo uma “guerra” entre as superpotências, mas não militarmente direta entre elas, o que justificava a utilização da expressão complementar “fria”. Logo, o termo difundiu-se, tanto na imprensa mundial quanto entre os analistas de política internacional, civis ou militares<sup>4</sup>.

Mais do que as implicações do termo, foi a criação de um novo problema, de um novo referencial para as sociedades dessa segunda metade do século, de uma nova condição que justificaria muitas políticas e níveis de atuação - a Guerra Fria era uma “realidade” a ser discutida e vivida pois havia sido criada, inventada, instituída, - um imaginário radical, no sentido que lhe atribuiu Castoriadis<sup>5</sup>.

Para entendermos a Guerra Fria, precisamos realizar algumas discussões.

### **Discussão Bibliográfica sobre a Guerra Fria**

As grandes discussões historiográficas sobre a Guerra Fria tendiam a assumir duas posturas bastante distintas; 1ª) foi uma construção

---

<sup>3</sup>. Para Castoriadis, magma: “é aquilo de onde se podem extrair (ou: em que se podem construir) organizações conjuntistas em número indefinido, mas que não podem jamais ser reconstituído (idealmente) por composição conjuntista (finita ou infinita) dessas organizações.” E, complementando, Castoriadis afirmou: “Nossa colocação é de que tudo o que pode efetivamente ser dado – representação, natureza, significação – é segundo o modo de ser do magma.” CASTORIADIS, 1982, p. 388-389;

<sup>4</sup>. O termo foi inventado por Walter Lippmann, utilizado no seu livro que discutia a situação internacional e que descrevia o clima de confronto entre as duas superpotências que se formaram depois do fim da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos e União Soviética. *Apud* FENELON, Déa R. **A Guerra Fria**. São Paulo, Brasiliense: 1983. Coleção Tudo é História, n. 64.

<sup>5</sup> - CASTORIADIS, 1982, p. 414;

soviética, que queria expandir o comunismo para o resto do mundo; 2ª) foi uma construção norte-americana, para justificar suas ações e conseqüentes intervenções nas nações que estivessem fora da “esfera” do domínio soviético. Tais posturas são resultados diretos da própria dinâmica que a Guerra Fria assumiria, ou seja, de confrontos intransigentes de ambos os lados<sup>6</sup>.

Muitos dos pensadores ocidentais, engajados na luta contra a expansão do comunismo, tenderam a culpar necessariamente os soviéticos pela Guerra Fria. Muito deste direcionamento foi devido ao pensamento do embaixador norte-americano na União Soviética, George Kennan, que via a União Soviética como uma nação expansionista dedicada a destruir o capitalismo, como veremos adiante.

Podemos perceber a existência desta lógica através de Robert Wesson, um estudioso, conservador, das políticas externas norte-americanas:

Depois da II Guerra Mundial, ainda houve uma certa esperança de que a Grã-Bretanha pudesse encarregar-se de razoável parcela das responsabilidades pela manutenção da ordem mundial, e era geral a expectativa de que as Nações Unidas ajudassem a preservar a paz. Mas logo se viu que a retirada americana seria praticamente equivalente a consentir que a maior parte ou toda a Europa e o resto do mundo caíssem sob a hegemonia da União Soviética, uma potência antagônica e tirânica abertamente dedicada (de acordo com a sua ideologia oficial de luta de classes universal) à destruição da sociedade “burguesa” tradicional e da ordem internacional.<sup>7</sup>

Sendo a União Soviética uma potência “antagônica e tirânica” e “abertamente dedicada à destruição da sociedade “burguesa” tradicional,

---

<sup>6</sup>. De acordo com Henry Kissinger, analisando sob a ótica norte-americana: “Em nenhum outro período da sua história a América participou de um sistema de equilíbrio de poder. Antes das duas guerras mundiais, a América se beneficiara da operação de equilíbrio de poder sem estar envolvida em suas manobras e enquanto desfrutava do luxo de criticá-lo severamente ao seu bel-prazer. Durante a Guerra Fria, a América encontrava-se imersa em uma luta ideológica, política e estratégica com a União Soviética, na qual um mundo de duas potências funcionava de acordo com princípios bastante diferentes daqueles de um sistema de equilíbrio de poder. Em um mundo de duas potências, não pode haver nenhuma pretensão de que o conflito conduza ao bem comum; qualquer ganho para uma das partes representa uma perda para a outra.” KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 17.

<sup>7</sup>. WESSON, Robert G. **A Nova Política Externa dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 28.

seu combate por parte dos Estados Unidos tornou-se, portanto, necessário. Foi dentro dessa lógica que a política externa norte-americana baseou seus atos desde 1945 até 1989.

Na virada das décadas de 60 e 70, tal postura foi radicalmente alterada, com uma série de estudos indicando que a Guerra Fria foi uma construção norte-americana, pois os soviéticos, destruídos pela Segunda Guerra Mundial e satisfeitos com sua “esfera” de influência, não poderiam provocar uma guerra (estratégica ou militar) contra os Estados Unidos. Isaac Deutscher, no seu clássico texto *Mitos da Guerra Fria*, abre essa perspectiva:

Imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando os poderes ocidentais enveredaram para a anulação das alianças, em direção ao grande conflito com seu antigo aliado soviético, era comum falar-se sobre os dois colossos, o americano e o russo, que se defrontavam hostilmente através de um vazio do poder. Presumia-se que um dos colossos, o russo, desafiava o americano, o ocidental. O que as pessoas não compreendiam, e que os Governos não lhes comunicavam, era que, desses dois colossos, um - o americano - emergiu da Segunda Guerra Mundial com vigor e força total (...); enquanto o outro colosso - o russo - jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas. E era esse colosso branco sangrante, quase aniquilado, que se supunha criar uma grande ameaça militar para a Europa.<sup>8</sup>

Como o “colosso” russo, totalmente “aniquilado”, poderia tentar criar uma guerra contra o “colosso” americano que saiu praticamente intacto da Segunda Guerra Mundial? Mesmo a idéia de expansionismo comunista (ou de suas tentativas para uma dominação mundial) pareciam frágeis. Deutscher nos afiança:

É uma das suposições menos inteligentes feitas no Ocidente, a de que Stálin ou seus sucessores estivessem ou estejam comprometidos com a revolução internacional. Os que se deram ao trabalho de estudar a história soviética sabem o que Stálin e mesmos seus sucessores representaram foi um profundo conservadorismo, o conservadorismo de uma nova burocracia pós-revolucionária privilegiada que estava, até certo ponto ainda está, interessada antes de tudo na preservação do status quo tanto dentro quanto fora da União Soviética.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>. DEUTSCHER, Isaac. *Mitos da Guerra Fria*. In HOROWITZ, David (org.). **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 15.

<sup>9</sup>. *Idem*, p. 19;

O pensador norte-americano Gabriel Kolko também defende o argumento da criação da Guerra Fria pelos Estados Unidos. Para o autor, existiam razões internas para o governo norte-americano construir o “inimigo” soviético. Os grandes lucros da economia norte-americana entre 1939 e 1945 eram provenientes das demandas provocadas pela Segunda Guerra Mundial, demandas estas que iriam diminuir com o fim da mesma. No início de 1946, a produção industrial norte-americana teve uma queda de 30 %, o que aumentou o desemprego, situação que tenderia a ficar pior com a desmobilização das Forças Armadas<sup>10</sup>. Assim, o governo de Harry S. Truman tentou impor a hegemonia norte-americana no mundo para manter o nível de consumo e a prosperidade econômica.

Para exercer uma política externa agressiva, o governo do democrata de Truman teria de convencer o congresso para tal, o que não era uma missão das mais fáceis: depois das eleições parlamentares de 1946, o congresso ficou com a maioria pertencente ao Partido Republicano, partido este cuja orientação política tendia, tradicionalmente, a favor de uma política isolacionista<sup>11</sup>. Assim, a “criação” do inimigo soviético foi essencial para poder convencer o congresso da necessidade de uma política externa agressiva e participativa, pois os riscos da expansão comunistas eram muito grandes - mesmo não existindo, de fato, tais riscos. A guerra, então, continuou, mas com um outro inimigo: o nazismo sai de cena e entra o *comunismo*. Gore Vidal comenta ironicamente:

Em casa, a mídia começava a preparar a minoria atenta para a grande decepção. De repente nos vimos confrontados com os maiores impostos de renda de pessoa física na história do país, para pagar por mais e mais armas, entre elas a assassina bomba de hidrogênio – tudo isso porque os russos estavam chegando.

Ninguém sabia muito bem por que estavam chegando, nem com o quê. Por acaso ainda não estavam ocupados enterrando seus 20 milhões de mortos?<sup>12</sup>

Já uma obra mais recente, *Novas e Velhas Ordens Mundiais*, de Noam Chomsky, também concordou com este ponto: a Guerra Fria foi uma construção norte-americana. Os governos norte-americanos, preci-

---

<sup>10</sup>. KOLKO, Gabriel. **The Limits of Power**. New York: Harper & Row Publishes, 1970.

<sup>11</sup>. *Idem*.

<sup>12</sup>. VIDAL, Gore. As Diversões Imperiais. In **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais!. São Paulo, 07/12/97, p. 4.

sando de um inimigo para justificar sua repressão externa e interna, criaram o “inimigo soviético e comunista”<sup>13</sup>.

Para Noam Chomsky, com o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tomariam o lugar das velhas e desgastadas potências europeias, mas com os propósitos de evitar o surgimento de países que seguissem um modelo político e econômico independente. Para tal, a Guerra Fria tornou-se necessária: tendo o expansionismo comunista como inimigo maior, os Estados Unidos poderiam intervir em quase todos os lugares do mundo não apenas para “conter” o comunismo, mas, principalmente, para impedir o desenvolvimento de economias fora da dinâmica capitalista.

As noções de “segurança” e de “defesa” tornaram-se corriqueiras no discurso dos governantes norte-americanos. Chomsky comenta que:

Com a Guerra Fria extinta, as máscaras podem ser removidas pelo menos levemente, e as verdades elementares, algumas vezes expressas em instituições acadêmicas sérias, podem ser publicamente cogitadas. Entre elas, está o fato de que o apelo à segurança era em grande parte fraudulento, a estrutura da Guerra Fria tendo sido empregada como um artifício para justificar a supressão do nacionalismo independente - seja na Europa e no Japão, seja no Terceiro Mundo.<sup>14</sup>

O “inimigo”, no caso específico a União Soviética, serviria como desculpa para derrubar políticas político-econômicas de caráter nacionalista ou simplesmente diferentes daquelas pregadas por Washington. Chomsky salienta que:

A confrontação da Guerra Fria forneceu fórmulas fáceis para justificar ações criminosas ao nível externo e o entrincheiramento do privilégio e do poder do Estado em casa. Sem a necessidade inoportuna de consideração e evidência crível, apologistas em ambos os lados puderam explicar reflexivamente que, mesmo lamentáveis, os atos foram empreendi-

---

<sup>13</sup>. Dentro dos Estados Unidos, Chomsky destacou o memorando de número 68 do Conselho de Segurança Nacional, “o mais importante documento secreto da Guerra Fria (abril de 1950), que esboçava a ‘necessidade de justa repressão’, uma característica crucial do ‘caminho democrático’, com ‘a dissensão entre nós’ reprimida enquanto os recursos públicos são transferidos para as necessidades da indústria avançada.” CHOMSKY, Noam. **Novas e Velhas Ordens Mundiais**. São Paulo: Scritta, 1996, p. 13.

<sup>14</sup>. *Idem*, p. 47.

dos por razões de “segurança nacional” em resposta à ameaça do super-poderoso inimigo, ameaçador e cruel.<sup>15</sup>

Com o fim da União Soviética, muitos dos arquivos do regime comunista, com documentos até então inéditos, têm sido abertos, inclusive para o mundo ocidental. Além do mais, muitos documentos “classificados” dos Estados Unidos têm sido expostos nos últimos anos, o que apresenta outras discussões sobre a Guerra Fria, contestando as noções de “expansionismo” russo ou norte-americano. O que as grandes potências fizeram foi determinar suas “esferas de influência”, mas por razões bastante específicas do momento do final da Segunda Guerra Mundial. O que Estados Unidos e União Soviética desejavam em 1945?

### **Estados Unidos**

Os ataques japoneses na base norte-americana de Pearl Harbour assustaram a elite governante dos Estados Unidos, mostrando uma inusitada fragilidade do país em uma região de seu grande interesse. Para evitar novas (e desagradáveis) surpresas, a política norte-americana do pós-guerra caracterizou-se por estender a “Big Policy”, que até 1945 era aplicada na América Latina, para outras partes do mundo<sup>16</sup>. Não era, portanto, uma política de expansionismo norte-americano: mas, sim, a fixação de suas áreas de influência pelo mundo.

A Ásia receberia uma atenção especial da política externa norte-americana no pós-guerra. O Japão fora o grande rival norte-americano na região desde do século XIX, mostrando, além de uma agressividade política em relação aos seus vizinhos, uma excepcional capacidade industrial. Depois da derrota, o Japão seria desarmado, o que impediria (militarmente) a sua típica agressividade política em relação aos seus vizinhos. Mas, desarmado, o país poderia sofrer um colapso numa eventual política agressiva soviética.

Para resolver tais dilemas, Bruce Cumings argumenta que, de acordo com a NSC 48/1 de dezembro de 1949, os Estados Unidos (“núcleo”) deveriam acompanhar a reconstrução econômica do Japão (“semi-periferia”), sendo que as nações asiáticas vizinhas (“periferias”) deveriam ter suas economias voltadas para o crescimento japonês, formando uma

---

<sup>15</sup>. *Idem*, p. 12.

<sup>16</sup>. LEFFLER, Melvyn. National Security and US Foreign Policy. In LEFFLER, Melvyn P.; PAINTER, David S. (orgs.). **Origins of the Cold War - An International History**. London/New York: Routledge, 1995.

rede de dependência de toda a Ásia com os Estados Unidos, na chamada “grande área”<sup>17</sup>. O espetacular desenvolvimento econômico verificado nas últimas 3 décadas do século XX por Taiwan, Singapura, Hong Kong, Coreia do Sul, além do próprio Japão, estaria relacionado a esta política: liberdade de desenvolvimento econômico e proteção política e militar dos Estados Unidos.

Foi essa lógica que manteve a política agressiva dos Estados Unidos na Ásia, tanto contra o colonialismo europeu quanto aos movimentos de independência (estimulados por comunistas ou não). Não foi, portanto, insensatez, como argumenta a historiadora Barbara Tuchman, na sua obra *A Marcha da Insensatez*, que produziu uma série de políticas intervencionistas dos Estados Unidos no Vietnã<sup>18</sup>.

### União Soviética

Os soviéticos também definiram suas “esferas” de influência, mas a política stalinista do pós-guerra não foi apenas a extensão de velhas políticas czaristas, como argumentou Walter Lippmann (utilizando-se da idéia de Robert Strausz-Hupe, professor da Universidade da Pensilvânia)<sup>19</sup>, mas seguia as noções de imperialismo de Lênin, como argumenta o historiador David Holloway.

Para Lênin, a Primeira Guerra Mundial foi uma guerra imperialista, originada na rivalidade entre os estados capitalistas na busca de matérias-primas e mercados. Stalin “atualizaria” a teoria de Lênin para o pós-Segunda Guerra Mundial: esta guerra, assim como a Primeira, também fora resultado de uma crise do sistema capitalista mundial, sendo que uma outra crise voltaria a acontecer e produziria uma nova guerra mundial num futuro não muito distante; para Stalin, a Alemanha e o Japão voltariam a crescer e, dentro de aproximadamente 20 anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, atacariam outra vez a União Soviética, provocando a guerra final entre o capitalismo e o comunismo. Tornava-se, portanto, necessário que a União Soviética estivesse preparada para a futura guerra, garantindo uma “área de proteção” bastante ampla para as

---

<sup>17</sup>. CUMINGS, Bruce. Japan and the Asian Periphery. In LEFFLER; PAINTER, 1995.

<sup>18</sup>. TUCHMAN, Barbara. W. *A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

<sup>19</sup>. De acordo com Strausz-Hupe, as fronteiras ocidentais da União Soviética coincidem com as que o Império Czarista pretendia, com exceção dos estreitos (Dardanelos) que o governo soviético não conseguiu obter. LIPPMANN, Walter. *The Cold War: a Study in U. S. Foreign Policy*. Nova Iorque, Harper and Bros., 1947.



suas fronteiras, além de pressionar, diplomática e militarmente, a Alemanha na Europa e o Japão na Ásia<sup>20</sup>. A divisão da Europa Oriental feita entre Stalin e Churchill, em 1944, passava por tal lógica política<sup>21</sup>.

A desconfiança soviética em relação às potências ocidentais era, entretanto, bastante justificada. Para muitos autores, a Guerra Fria começou em 1917, data da formação do primeiro estado comunista no mundo<sup>22</sup>. Mas, como vimos anteriormente, de acordo com Castoriadis, apenas podemos falar de alguma coisa quando ela for inventada e instituída imaginariamente e, nesse sentido, a Guerra Fria não começou em 1917, pois sequer havia sido inventada ou instituída<sup>23</sup>. Podemos dizer que, em 1917, a criação de um estado comunista assustou as grandes potências mundiais da época e fez que elas iniciassem uma política de confronto e de contenção perante o novo regime, como apoiar (como Exército Branco contra o Exército Vermelho na Guerra Civil Russa e permitir a ascensão do nazismo<sup>24</sup>.

Como tais perspectivas pareciam que iriam repertir-se, a União Soviética impôs seu domínio na Europa Oriental e em partes da Ásia, criando a sua “esfera” de influência, pressionando a Alemanha e o Japão e preparando-se para uma inevitável guerra mundial no futuro.

Como podemos perceber, foram questões relacionadas com as políticas da Primeira Guerra Mundial, do entre-guerras e Segunda Guerra Mundial que “criaram” a Guerra Fria. As superpotências estabeleceram, portanto, “esferas” de influência para sua segurança e domínio. Tanto uma potência quanto a outra tentavam impor a sua presença e influência dentro das suas “esferas” e, ao fazê-lo, procuraram dividir o mundo do pós-guerra entre si. Logicamente que as superpotências procuraram também intervir uma na “esfera” da outra por razões específicas, quase sem-

---

<sup>20</sup>. HOLLOWAY, David. **Stalin e a Bomba**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

<sup>21</sup>. O “acordo de cavalheiros” estabeleceu que a Europa Ocidental ficaria com as forças democráticas e que a Europa Oriental ficaria com o predomínio soviético em 90 %. As divisões maiores foram estabelecidas na Grécia (com 90 % de influência para os britânicos) e na Iugoslávia (cuja influência foi dividida meio a meio). DEUTSCHER, 1969.

<sup>22</sup>. CHOMSKY, 1996; e FLEMING, D. F. **The Cold War and Its Origins – 1917- 1960**. Vol. 1. New York: Garden City, 1961.

<sup>23</sup>. CASTORIADIS, 1982.

<sup>24</sup>. Sobre a Guerra Civil e as apreensões soviéticas perante o nazismo, ver FIGES, Orlando. **A Tragédia de um Povo - A Revolução Russa: 1891-1924**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

pre ligadas a seus problemas internos ou estratégicos (como no Oriente Médio, por causa do petróleo)<sup>25</sup>.

Tal dinâmica foi a essência da Guerra Fria e ajudou a criar as significações imaginárias secundárias.

### **Significações Imaginárias Secundárias**

A Guerra Fria é, como já afirmamos anteriormente, um imaginário radical. Ainda segundo Castoriadis, derivam desse imaginário radical instituições de significações imaginárias chamadas de secundárias. São secundárias não por serem menores ou derivadas, mas por formarem uma unidade pela instituição das significações centrais da sociedade.<sup>26</sup> Nas palavras de Castoriadis:

Estas não podem existir sem aquelas; não há entre elas relação de prioridade, e em geral tais relações não têm sentido no nível aqui considerado. A empresa é uma instituição secundária do capitalismo – sem a qual não há capitalismo.<sup>27</sup>

No caso específico do *Imaginário da Guerra Fria*, podemos apontar as seguintes significações imaginárias secundárias: 1 - a *Divisão Bipolar do Mundo*; 2 - o *Medo da Expansão Comunista*; 3 - o *Maniqueísmo das Opções Políticas* (que pode ser resumida na fórmula “Democracia x Comunismo”); 4- a *Revolução Socialista*; 5 - o *Medo da Terceira Guerra Mundial* (referente ao risco da destruição do planeta devido

---

<sup>25</sup>. YOUNG, John W. **The Longman Companion to Cold War and Detente, 1941-91**. New York: Longman, 1993.

<sup>26</sup>. Castoriadis apresenta o seguinte exemplo de significação imaginária secundária: “Deus não é uma significação ‘ligada a algo’; que algo? A palavra Deus, tal como cada vez é colocada pela sociedade considerada. O ‘referente’ que seriam as representações individuais de Deus (ou dos deuses) é criado mediante a criação e a instituição desta significação imaginária central que é Deus. A significação Deus é ao mesmo tempo criadora de um ‘objeto’ de representações individuais e elemento central da organização do mundo de uma sociedade monoteísta, posto que Deus é colocado como ao mesmo tempo fonte do ser e ente por excelência, norma e origem da Lei, fundamento último de todo valor e pólo de orientação do fazer social, já que é por referência a ele que se encontram separadas uma região sagrada e uma região profana, que são instituídas uma quantidade de atividades sociais e criados objetos que não têm nenhuma outra ‘razão de ser’. É somente num sentido secundário, derivado e finalmente sem grande interesse que podemos dizer que a partir da instituição de Deus e da religião, significações religiosas também se encontram ligadas a objetos e atos que tinham ou teriam podido ter uma existência social ‘independente’ delas.” CASTORIADIS, 1982, p. 407.

<sup>27</sup>. *Idem*, p. 416;

às armas nucleares); 6 - a *Contracultura* (surgida como crítica aos rigores políticos e sociais produzidos pela Guerra Fria).

Logicamente que nem todas estas significações imaginárias secundárias surgiram separadamente. Muitas vezes elas surgem a partir de referenciais e acontecimentos comuns. Outras vezes elas chegam a se confundir. A explicação a seguir foi construída separadamente para facilitar o entendimento da formação desses imaginários.

### **Divisão Bipolar do Mundo**

A divisão mundial de poderes, antes da Segunda Guerra Mundial, era multipolar, ou seja, as grandes questões mundiais passavam pela órbita de várias potências<sup>28</sup>. A imagem dos “Três Grandes” das conferências da Segunda Guerra Mundial demonstraram esta multipolaridade de poderes. Mas o quadro mudaria.

No final da Segunda Guerra Mundial, os britânicos salvaram pouco da sua até então poderosa influência política mundial, a não ser a prerrogativa de manter seu império colonial, que, no decorrer dos anos, seria perdido devido aos inúmeros movimentos de independência surgidos nas suas colônias. O reconhecimento formal da hegemonia norte-americana na Europa Ocidental pela Grã-Bretanha aconteceu em dois momentos distintos. O primeiro ocorreu no discurso proferido pelo ex-chanceler britânico Winston Churchill em Fulton, no Missouri, na presença do presidente Truman, onde o Leste Europeu foi chamado de “cortina de ferro”<sup>29</sup>.

Nesse famoso discurso, Churchill acusou a União Soviética de nação expansionista e pediu para que os Estados Unidos assumissem seu papel de defensor da democracia, tendo a Grã-Bretanha apenas como aliada, sem poder tomar maiores iniciativas. Dessa forma, Churchill aca-

---

<sup>28</sup>. MAGNOLI, Demétrio **Da Guerra Fria à Détente - Política Internacional Contemporânea**. Campinas: Papirus, 1988.

<sup>29</sup>. “De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma *cortina de ferro* desceu sobre o continente. Atrás daquela linha todas as capitais de antigos Estados do Centro e do Leste Europeu, Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucarest e Sofia, todas elas famosas cidades, e suas populações vivem no que se poderia chamar de *esfera soviética* e todas estão sujeitas, de uma maneira ou de outra, não apenas à influência soviética, mas em crescente medida ao controle de Moscou.” (grifos do autor) Citação extraída de: **Cold War**, programa produzido e exibido pela Cable News Network (CNN), Estados Unidos, junho-setembro de 1999, tradução do autor. **Cold War**, Estados Unidos, CNN, produtores executivos Pat Mitchell e Jeremy Isaacs, 1998; e <http://www.fordham.edu/halsall/mod/churchill-iron.html>.

bou por demonstrar a submissão da Grã-Bretanha perante os Estados Unidos.

Uma das conseqüências mais importantes do discurso de Churchill em Fulton foi que ele fez com que a Guerra Fria começasse a ganhar uma linguagem própria - e a linguagem é a maneira básica de se configurar um imaginário<sup>30</sup>. Nesse sentido, o discurso de Fulton estabeleceu, através da linguagem, a política de confronto entre o Ocidente e a União Soviética e, principalmente, estabeleceu que a União Soviética era uma nação ditatorial e que impunha o comunismo aos seus vizinhos ou, em outras palavras, o termo “cortina de ferro” transformou-se numa das maiores referências ao “império” soviético e às suas pretensas políticas expansionistas e opressivas impostas aos seus vizinhos<sup>31</sup>.

A imagem em si era simples, mas poderosa: a “cortina” que estava cobrindo a Europa Oriental era de “ferro”, ou seja, algo “cobria” estes países de maneira “pesada”, tirando-lhes a liberdade. A partir dessa imagem foi construída uma idéia de que os países do Leste Europeu estavam totalmente presos e subjugados pelos soviéticos e pelo comunismo, idéia esta que se estenderia para todo o mundo no decorrer dos anos – o termo “cortina de ferro” ganharia popularidade, principalmente nos discursos proferidos por políticos anticomunistas.

E a “cortina” parecia que estava se abrindo mais ainda. Como as guerras civis na Grécia e na Turquia, que envolviam forças comunistas locais nas lutas, estavam ganhando aspectos mais dramáticos, Truman fez o famoso pronunciamento ao Congresso, em 12 de março de 1947, pedindo verbas adicionais para ajudar os dois países nos eus esforços de guerra contra as forças comunistas.

Seu discurso citava os dois países, mas enfatizava a existência de uma crise política mundial, onde as nações deveriam escolher entre duas formas de “vida alternativas”: uma livre e outra sob a opressão<sup>32</sup>. Truman

---

<sup>30</sup>. BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

<sup>31</sup>. Churchill já havia utilizado o termo “cortina de ferro” nas conferências de Postdam e num telegrama enviado a Truman, onde Churchill afirmou que adoraria ser julgado por este documento. Eis a passagem principal: “Uma cortina de ferro fechou-se sobre o *front*. Não sabemos o que está acontecendo atrás dela. Não parece haver dúvida de que a totalidade das regiões leste da linha Lübeck-Triste-Corfu logo estará completamente em mão dos russos.” CHURCHILL, Winston S. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 1096.

<sup>32</sup> - “Uma forma de vida é baseada na vontade da maioria e distingue-se por instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias à liberdade individual, liberdade de expressão e eleição, e ausência de opressão política. Uma segunda forma de vida é

afirmou que os Estados Unidos deveriam ajudar “os povos livres que estão resistindo à subjugação por minorias armadas ou pressões externas”. Ele ressaltou a importância da ajuda econômica para impedir o alastramento de regimes totalitários que “nutrem-se na miséria e na necessidade”. Assim, os Estados Unidos deveriam dar a esperança para os povos desses países oprimidos ou em vias de opressão<sup>33</sup>.

Era um discurso cheio de imagens fortes – eis como o governo Truman trabalhava com o imaginário, procurando adesões à sua causa, ou seja, a luta contra o comunismo. A utilização do imaginário nessas circunstâncias é essencial<sup>34</sup>.

As guerras civis na Grécia e Turquia e o discurso agressivo de Truman dariam os argumentos definitivos para legitimar a presença “protetora e esperançosa” norte-americana na Europa, naquilo que ficou conhecido como a Doutrina Truman. A primeira ação da Doutrina Truman foi a criação do Plano Marshall, que tinha como objetivos recuperar economicamente os países destruídos pela guerra<sup>35</sup>.

---

baseada na vontade de uma minoria, imposta pela força à maioria. Recorre ao terror e à opressão, a um rádio e a uma imprensa controlados, a eleições decididas de antemão e à supressão das liberdades pessoais.” citação extraída de **Cold War**, 1999, e <http://www.fordham.edu/halsall/mod/1947TRUMAN.html>.

<sup>33</sup>. “Devemos manter essa esperança viva. Os povos livres do mundo olham para nós esperando apoio na manutenção de sua liberdade. Se fracassarmos na nossa missão de liderança, talvez ponhamos em perigo a paz do mundo - e certamente poremos em perigo a segurança da nossa própria nação. O curso rápido dos acontecimentos colocou sobre os nossos ombros grandes responsabilidades. Tenho fé que o Congresso enfrentará com firmeza.” Citação extraída de **Cold War**, 1999 e <http://www.fordham.edu/halsall/mod/1947TRUMAN.html>.

<sup>34</sup>. Baczkó nos afiança que: “Em qualquer conflito social grave – uma guerra, uma revolução – não serão as imagens exaltantes e magníficas dos objectivos a atingir e dos frutos da vitória procurada uma condição de possibilidade da própria acção das forças em presença? Como é que se podem separar, neste tipo de conflitos, os agentes e os seus actos das imagens que aqueles têm de si próprios e dos inimigos, sejam estes inimigos de classe, religião, raça, nacionalidade, etc.? Não são as acções efectivamente guiadas por estas representações; não modelam elas os comportamentos; não mobilizam elas as energias; não legitimam elas as violências?” BACZKO, 1985, p. 298.

<sup>35</sup>. De acordo com as palavras do criador do plano, o general George Marshall: “Nossa política é dirigida não contra qualquer país ou doutrina, mas contra a fome, a pobreza, o desespero e o caos (...) qualquer governo que desejar assistência na tarefa de recuperação achará toda a cooperação, estou certo, por parte do governo dos Estados Unidos. Qualquer governo que manobre para bloquear a recuperação de outros países não pode esperar nossa ajuda. Ainda mais, governos, partidos políticos ou grupos que busquem perpetuar a miséria humana a fim de se beneficiar politicamente encontrarão a oposição dos Estados Unidos.”.

O plano deveria beneficiar todas as nações que lutaram na Segunda Guerra Mundial, inclusive a União Soviética. Os soviéticos montaram um grupo de estudos para analisar a viabilidade da ajuda norte-americana na economia soviética e, como resultado desses estudos, o grupo chegou à conclusão de que esse plano nada mais era do que uma iniciativa de dominação econômica e política por parte dos Estados Unidos do que propriamente uma simples ajuda econômica. Existia um medo, da parte soviética, de que o Plano Marshall fosse uma iniciativa para se criar um bloco americano europeu ocidental dirigido contra a União Soviética e os países da Europa Oriental. Logo, a União Soviética recusaria o auxílio econômico do Plano Marshall e faria pressão para que nenhum outro país do Leste Europeu o aceitasse<sup>36</sup>.

Após a retirada soviética das discussões sobre o Plano Marshall, Stalin criou o KOMINFORM (Comitê ou Agência de Informação dos Partidos Comunistas e Operários), que seria constituído pelos partidos comunistas do Leste europeu, além dos partidos italiano e francês.<sup>37</sup> Os soviéticos também começaram a construir o seu discurso dentro da lógica da Guerra Fria, mas atribuindo aos Estados Unidos o papel de “inimigo”. Era a “reação” soviética aos ataques norte-americanos – *a Guerra Fria começou a ganhar uma linguagem também no lado soviético*<sup>38</sup>.

---

Apud BARROS, Edgar Luiz de. **A Guerra Fria**. 3 ed. São Paulo: Atual; Campinas: Unicamp, 1985, p. 26.

<sup>36</sup>. HOLLOWAY, 1997.

<sup>37</sup>. O documento que definia os objetivos gerais dessa instituição deixaram claros a nova divisão mundial: “Um novo alinhamento das forças políticas surgiu, dois campos opostos se formaram: de um lado a política da União Soviética e dos países democráticos direcionada a anular o imperialismo e fortalecer a democracia, do outro lado a política dos Estados Unidos e da Inglaterra, direcionada ao fortalecimento do imperialismo e anulação da democracia. (...) O Plano Truman-Marshall é somente uma das partes, a seção européia de um plano geral de uma política expansionista mundial levada avante em todas as partes do mundo”. BARROS, 1985, p. 32.

<sup>38</sup>. O KOMINFORM foi o início da “sovietização” integral dos governos da Europa Oriental. Em 1947, a pluralidade partidária foi extinta definitivamente na Polônia, Hungria e Romênia. Na Bulgária, o mesmo já havia ocorrido em 1946. O próximo país a ser “sovietizado” seria a Tchecoslováquia, em 1948. Sem receber as indenizações e os empréstimos pretendidos, Stalin promove uma transferência de riquezas para a União Soviética dos países da Europa Oriental: matérias-primas, carvão e alimentos são enviados a título de reparações de guerra. Demétrio Magnoli afirma que: “Esse “Plano Marshall invertido”, sangrando economias destroçadas pela guerra, acentuava a necessidade de controles policiais e repressivos na manutenção da estabilidade política. A construção do Leste contrasta brutalmente com a construção do Ocidente: a “cortina de ferro” cunhada por Churchill tornava-se, a posteriori, realidade.” Como podemos perceber, a cortina de ferro real

A Doutrina Truman e o Plano Marshall (e o KOMINFORM como contrapartida soviética) iniciaram uma guerra estratégica entre as superpotências para se conseguir as melhores posições no tabuleiro internacional. A ONU (Organização das Nações Unidas), que deveria ser o local de negociações por excelência, acabou transformando-se numa arena de lutas políticas entre norte-americanos e soviéticos, sendo que praticamente todas as monções apresentadas pelos soviéticos eram rechaçadas pelos norte-americanos e vice-versa.

A crise de Berlim, em 1948, iria piorar ainda mais as relações entre o ocidente e a União Soviética. Em 1946, para surpresa dos dirigentes soviéticos, no lugar de uma administração única, os Estados Unidos estavam separando as três partes da Alemanha pertencentes aos Aliados ocidentais e criando um estado militar forte, além de cancelarem as reparações pretendidas pelos soviéticos - atos que violavam explicitamente o que ficara acertado em Potsdam. Estados Unidos e Inglaterra temiam que uma Alemanha unificada poderia ser dominada mais facilmente pelos soviéticos. Para Stalin, a formação de uma Alemanha separada parecia confirmar seu pior temor de que esta “nova” Alemanha estava sendo “construída” como um estado forte para enfrentar a União Soviética<sup>39</sup>.

Stalin, então, procurou evitar a “separação” da Alemanha pressionando a parte aliada de Berlim em 1948, mas foi superado pela ponte aérea montada pelo general Lucius Clay<sup>40</sup>. A “agressão” soviética contra a parte ocidental de Berlim seria explorada pelo governo Truman, construindo o grande “inimigo” dos Estados Unidos<sup>41</sup>. Assim, os norte-americanos rompem sua tradição diplomática isolacionista, realizando grande número de alianças, principalmente no Sudeste Asiático e Europa

---

foi baixada em virtude da intransigência norte-americana e inglesa para evitar que isso ocorresse”. MAGNOLI, 1988, p. 31.

<sup>39</sup>. HOLLOWAY, 1997.

<sup>40</sup>. Nas palavras de David Holloway, Stalin “queria forçar as potências ocidentais a desistir de seus movimentos em direção a um Estado alemão ocidental separado ou a abandonar Berlim Ocidental”. *Idem*, p. 327.

<sup>41</sup>. Carolyn Eisenberg, pesquisador norte-americano que procurou demonstrar como foi criado o “inimigo” soviético, escreve que “com o encetamento do bloqueio de Berlim, o presidente Truman articulou uma história simples que destacava os russos desprezando os acordos selados durante a guerra, em seu avanço implacável para dominar a ex-capital alemã. O presidente dos Estados Unidos não explicou que os Estados Unidos haviam abandonado Yalta e Potsdam, que estavam promovendo a formação de um Estado alemão ocidental, apesar das apreensões de muitos europeus, e que os soviéticos haviam lançado o bloqueio para impedir a partilha.” Citação extraída de: VIDAL, 1997, p. 5;

Ocidental. Em 4 de abril de 1949 foi criada a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), aliança militar entre as grandes potências capitalistas para impedir uma eventual agressão soviética<sup>42</sup>. O medo da expansão comunista transformava-se num elemento central das políticas do pós-guerra.

### Medo da Expansão Comunista

O medo da expansão comunista já existia mesmo antes do fim da Segunda Guerra Mundial, sendo já retratado no *Manifesto Comunista*, de Karl Marx, lançado em 1848<sup>43</sup>. Depois da Segunda Guerra Mundial, este medo partia, em grande parte, da idéia de que o grande agente do comunismo internacional, a União Soviética, era uma potência agressiva e expansionista, idéias estas que já estavam contidas no discurso de Churchill em Fulton e que seriam ampliadas pelo já citado embaixador George Kennan.

George Kennan, que havia servido como diplomata norte-americano na União Soviética e consultor político da Casa Branca, seria o grande idealizador da política externa norte-americana em relação à União Soviética. No *Memorando X* (também conhecido como o *Longo Telegrama*), um estudo sobre as eventuais ações do governo soviético no pós-guerra, Kennan argumentou que os russos acreditavam no antagonismo nato entre o capitalismo e o comunismo, não podendo haver, portanto, “qualquer admissão sincera de uma comunidade de propósitos entre a União Soviética e os poderes considerados capitalistas”<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup>. Eis alguns dos tratados assinados pelos Estados Unidos, além da OTAN: Pacto do Rio de Janeiro, de 1947; Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO); Pacto de Bagdá (depois, Organização do Tratado Central - CENTO), Para Gore Vidal, a formação da OTAN não era para evitar a hegemonia soviética na Europa Ocidental, mas para impor a hegemonia norte-americana nessa mesma Europa Ocidental. *Idem*.

<sup>43</sup>. “Um espectro ronda a Europa - o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa Aliança para conjurá-lo: o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais da França e os policiais da Alemanha. Que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista? Duas conclusões decorrem desses fatos: 1. o comunismo já é reconhecido como força por todas as potências da Europa; 2. é tempo de os comunistas exporem, à face do mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo.” MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, p. 7.

<sup>44</sup>. KENNAN, George. *Memoirs: 1925-1950*. Boston: Little, Brown, 1967, p. 290-295. (texto reproduzido nas p. 547-559); e em



A União Soviética não passava de uma nação expansionista e que, apesar dos discursos pacíficos e conciliadores proferidos por seus políticos, pretendia, a médio e a longo prazo, impor uma agressiva política de dominação mundial, política esta que deveria ser combatida. Dentro dessa lógica, era necessário que houvesse uma “paciente mas firme e vigilante contenção a longo prazo das tendências expansionistas” dos soviéticos, contra-atacando-os em qualquer lugar que atuassem<sup>45</sup>.

A política norte-americana em relação à União Soviética, então, seguiu os preceitos de Kennan e a “contenção” da influência soviética, onde quer que ela se manifestasse, tornou-se a sua tática diplomática primordial. Com tal “desculpa”, os Estados Unidos puderam atuar dentro da sua “esfera” de influência.

O historiador Isaac Deutscher discordaria radicalmente das posições de Kennan. O pós-guerra criou as duas grandes potências, mas em condições bastante diferentes: enquanto que os Estados Unidos tiveram cerca de um milhão de baixas, incluindo 350 mil mortos, além de nenhum ataque em seu território, os soviéticos tiveram entre 45 e 50 milhões de baixas, incluindo 20 milhões de mortos - a população masculina adulta praticamente deixou de existir, além de toda a sua infra-estrutura econômica estar completamente destruída<sup>46</sup>. Melvyn P. Leffler argumenta que

---

<http://www.seas.gwu.edu/nsarchive/coldwar/documents/episode-1/kenna.htm> .

<sup>45</sup>. *Idem*, e <http://www.seas.gwu.edu/nsarchive/coldwar/documents/episode-1/kenna.htm> .

<sup>46</sup>. DEUTSCHER, Isaac. **Ironias da História – Ensaios sobre o Comunismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Deutscher não seria o único a pensar diferente de Kennan: Harry Hopkins, assessor de política externa de Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial, tinha idéias diferentes em relação à União Soviética. Num memorando emitido antes do *Memorando X*, Hopkins afirmou que: “Quanto às nossas relações com a União Soviética: Sabemos que nós e a Rússia somos as duas nações mais poderosas do mundo em potencial humano e matérias-primas. Sabemos que fomos capazes de lutar ombro a ombro com os russos na maior guerra da história. Sabemos ou acreditamos que os interesses da Rússia, na medida em que podemos avaliá-los, não dão margem a grandes divergências conosco em assuntos de política externa. Julgamos ser dependentes um do outro por motivos econômicos. Achamos que é fácil tratar com os russos, individualmente. Não há dúvida de que eles gostam do povo americano. Gostam dos Estados Unidos. Confiam nos Estados Unidos mais do que em qualquer outra potência no mundo. Estou certo de que não desejam lutar contra nós e estão determinados a ocupar a posição que lhes cabe no tratamento dos assuntos internacionais em uma organização mundial; acima de tudo, querem manter relações amistosas conosco.” E pensando sobre um eventual “expansionismo” soviético, Hopkins foi enfático na sua negativa: “O grande enigma relativamente à União Soviética nos próximos anos é a orientação que os novos líderes da Rússia irão observar quanto à promoção do comunismo pelo mundo. Há inúmeros indícios de que o atual governo soviético se torna cada dia mais nacionalista. Os russos desejam assegurar-se de que suas fronteiras estão protegidas contra vizinhos ina-

os analistas militares e políticos norte-americanos sabiam que os soviéticos não iriam começar uma guerra de expansão, pois o país estava destruído<sup>47</sup>.

Tendo de resolver problemas dessa ordem, era praticamente impossível que os soviéticos pudessem pensar em expandir (o que significaria, também, financiar economicamente) qualquer movimento revolucionário em outros países. Até pelo contrário: foi Stalin, mais do que qualquer esforço norte-americano, quem garantiu o capitalismo na Europa Ocidental. Isaac Deutscher afirma que Stalin

Reclamou a prerrogativa que lhe haviam cedido: agarrou a Europa Oriental. Manteve-se fiel à letra dos acordos com Churchill e Roosevelt durante a guerra; mas respeitou também as obrigações. Cedeu-lhes a Europa ocidental. Comprometera-se a respeitar o domínio da ordem burguesa na Europa do pós-guerra e cumpriu com suas obrigações. Muito antes que a Doutrina Truman fosse proclamada, Stalin reservara efetivamente Europa ocidental para o capitalismo. Salvava a Europa ocidental do comunismo.<sup>48</sup>

Mais do que “salvar” a Europa Ocidental do comunismo, a política soviética “parava” na Europa Oriental tão somente, como vimos anteriormente. Como podemos perceber, o “monstro” soviético nasceu muito mais das visões negativas de Kennan sobre os russos do que propriamente por qualquer atitude “expansionista” soviética naquele momento<sup>49</sup>. Kennan, apesar de suas observações negativas e alarmistas em relação à Uni-

---

mistosos e não serei eu quem irá condená-los por isso”. SHERWOOD, Robert E. **Roosevelt e Hopkins - uma História da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: UNB; Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998, p. 921.

<sup>47</sup>. De acordo com o autor: “American experts believed that the most Soviet planes were obsolescent, that the soviets had insufficient airfields and aviation gas to use their new planes, and that these planes had serious problems in their instrumentation and construction.” LEFFLER, 1995, p. 27;

<sup>48</sup>. DEUTSCHER, 1969, p. 20.

<sup>49</sup>. Todos os aspectos negativos dos soviéticos apresentados por George Kennan no *Memorando X* são frutos mais de razões pessoais do que políticas: Kennan era um estudioso do povo e da cultura da Rússia, mas o resultado dos seus estudos não o ajudaram a criar uma visão positiva deste país e do seu povo. Em outras palavras, ele odiava os russos e estendeu seu ódio às suas previsões sobre os eventuais comportamentos políticos dos soviéticos. Além de odiar os russos de um modo geral, o fato da União Soviética (cujo maior estado era a Rússia) ser um país comunista e ateu, o que confrontava diretamente sua visão democrática e cristã do mundo, não ajudou a melhorar o seu julgamento em relação ao povo russo. HOBBSAWN, Eric J. **Era dos Extremos - O Breve Século XX, 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 230-231.

ão Soviética, pregava a contenção do “imperialismo” soviético de uma maneira leve e sutil, mas sua “receita” foi aplicada exageradamente<sup>50</sup>. *Os Estados Unidos, com a desculpa de vigiar e conter qualquer avanço soviético, levantaram a guarda e tentaram impor sua hegemonia nas suas esferas de influência.*

Para justificar essa política, era necessário convencer a opinião pública dentro dos Estados Unidos de que a União Soviética era o inimigo e, para tal, o governo Truman utilizou-se de todos os meios possíveis para controlar o imaginário social<sup>51</sup>. O governo Truman, então, criou mecanismos, nem sempre desejados ou autorizados pela população, impondo o poder do executivo na sociedade com a desculpa de combater o comunismo.

Os inimigos políticos de Truman (ou mesmo aqueles que eram apenas contrários a essa idéia de expansionismo comunista) eram calados ou desapareciam de cena, perdendo seus empregos (ou sendo pressionados para abandoná-los ou para serem demitidos), sendo compulsoriamente aposentados ou deslocados para áreas de pouco interesse ou importância estratégica. O governo Truman também obrigou que os funcionários públicos fizessem juramentos à bandeira e uma série de ritos para mostrar o seu amor à democracia e aos Estados Unidos<sup>52</sup>. O medo ajudava a manter a lógica maniqueísta da “salvadora” democracia contra o “demônio” comunista<sup>53</sup>.

---

<sup>50</sup>. De acordo com o conservador Robert G. Weasson: “A contenção foi excessivamente negativa e a pode ser interpretada como um argumento conveniente para uma campanha universal destinada não só a sustar o imperialismo soviético, mas também a tornar o mundo seguro para o sistema americano e, de quebra, para os negócios americanos. A contenção levou ao intervencionismo e aos sentimentos possivelmente chauvinistas de que era missão dos Estados Unidos manter a ordem no mundo inteiro.” WESSON, 1978, p.43.

<sup>51</sup>. De acordo com Baczko: “O controlo do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as actividades individuais e colectivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças.” Baczko, Bronislaw, 1985, p. 312.

<sup>52</sup> - VIDAL, 1997. De acordo com Baczko: “Os dispositivos de repressão que os poderes constituídos põem de pé, a fim de preservarem o lugar privilegiado que a si próprios se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o carácter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas do poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc.” BACZKO, 1985, p. 299.

<sup>53</sup>. Neste sentido, Baczko afirma que: “O seu trabalho (do imaginário social) opera através de séries de oposições que estruturam as forças afectivas que agem sobre a vida colectiva, unindo-as, por meio de uma rede de significações, às dimensões intelectuais dessa vida colectiva: legitimar/invalidar; justificar/acusar; tranquilizar/perturbar; mobilizar/desencorajar; incluir / excluir. (...) Na realidade, estas oposições raramente estão isoladas, antes se articulam uma com as outras. As junções e disjunções efectuem-se segundo diversas

A sociedade norte-americana começou a aceitar o comunismo como o seu grande inimigo e a acreditar no papel dos Estados Unidos como o país que iria enfrentar este inimigo pelo mundo. Henry Luce, o *publisher* da *Time*, expressou sua opinião sobre a situação, comentando que “Deus fundou os Estados Unidos para servirem de farol mundial da liberdade”<sup>54</sup>. Eis uma outra imagem poderosa criada durante este período: Deus formou os Estados Unidos para ser o “farol mundial da liberdade”, dando-lhe a missão divina de trazer a luz da liberdade para o mundo, além de ficar contra qualquer tipo de opressão, que, naquele momento, era representada pela “cortina de ferro” soviética - que, ao contrário da luz da liberdade, emanava a “escuridão” da opressão. Religião e política, dois componentes básicos da cultura norte-americana, foram reunidos na construção do inimigo soviético<sup>55</sup>.

Mas a “criatura” escapou do domínio do “criador” e o próprio governo Truman perderia o controle da situação. No início da década de 50 surgiu, à sua revelia, uma das maiores demonstrações anticomunistas da história dos Estados Unidos - o *Macartismo*. Tal fenômeno poderia ser apenas uma manobra do Partido Republicano para poder fazer frente ao poder do Partido Democrata, que estava no governo desde a vitória de Roosevelt na década de 30, mas tal argumento é muito limitado, pois o *Macartismo* foi um fenômeno da sociedade norte-americana onde o *Medo da Expansão Comunista* foi utilizado intensamente.

Não foram apenas Truman e o *Macartismo* que necessitavam do inimigo comunista. Gore Vidal salienta que:

---

modalidades, diferenciadas consoante as características específicas de um dado corpo social e mental”. BACZKO, 1985, p. 312.

<sup>54</sup>. VIDAL, 1997, p. 4.

<sup>55</sup>. Henry Kissinger é bastante enfático quanto a este ponto - inclusive na decadência da própria idéia de “farol do mundo”: “No espaço de uma única geração, a América passou pela Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e uma década e meia de crises com a Guerra Fria. O Vietnã provou ser um exercício excessivo, o sacrifício que foi por demais insuportável pois encontrava-se tão em oposição às expectativas e aos valores tradicionais americanos. Nos anos vinte e trinta, quando a geração de Nixon e Johnson estava na sua adolescência, os americanos percebiam a si mesmos como estando acima das negociações maquiavélicas dos europeus. Durante os anos 40 e 50, quando esta geração atingiu a maioria, a América acreditava ter sido chamada para empreender uma missão global de justiça. Quando estes homens chegaram ao ápice das suas carreiras políticas nos anos sessenta, o Movimento de Paz do Vietnã estava questionando esta missão global. Nos anos setenta, uma nova geração de americanos chegara à cena e não percebiam mais a América como pura.” KISSINGER, 1997, p. 804.

O Estado de Segurança Nacional, a aliança da OTAN, a Guerra Fria que durou 40 anos, todos foram criados sem o consentimento da população americana, que nem sequer chegou a ser consultada. Houve, é claro, eleições durante esse período crucial, mas Truman – Dewey, Eisenhower-Stevenson, Kennedy-Nixon tinham a mesma opinião no tocante à conveniência de, primeiro, inventar-se um inimigo, o comunismo, estrela da câmara de horrores; e, depois de combater tanto mal, instalar um Estado guerreiro permanente em casa, com juramentos de lealdade, alistamento militar em época de “paz” e uma polícia secreta para vigiar os “traidores” nativos, como ficaram sendo conhecidos os poucos inimigos do Estado de Segurança Nacional.<sup>56</sup>

Como podemos perceber, não bastava a existência de um grande inimigo - era também necessário que ele fosse a única ameaça política contrária a ser enfrentada. Para tal, foi necessário também limitar as opções políticas mundiais.

### **Maniqueísmo das Opções Políticas**

Uma típica construção da Guerra Fria do lado ocidental mostrava que os comunistas sempre eram traiçoeiros e ardilosos para impor a sua vontade, podendo estar disfarçados nas mais variadas formas políticas, principalmente naquelas que fossem contra os interesses dos Estados Unidos. Para lutar contra isso, as forças dos Estados Unidos e seus aliados locais deveriam também ser igualmente traiçoeiros e ardilosos.

Dentro dessa lógica, surgiu uma grande simplificação simbólica: *tudo o que fosse contra os interesses dos Estados Unidos era chamado, imediatamente, de comunismo*. Os soviéticos começaram a pensar na mesma lógica, apenas invertendo os papéis: *tudo o que fosse contra os interesses da União Soviética era chamado, imediatamente, de capitalismo*. O maniqueísmo das opções políticas atingia os dois lados<sup>57</sup>.

Políticas de diferentes interesses dos da Guerra Fria eram discutidas em vários países no mundo mas, quase sempre, eram vistas como grandes perigos ideológicos caso fossem implantadas. Governos com idéias mais nacionalistas (ou simplesmente mais práticas para o seu momento), não necessariamente comunistas ou democráticas, eram combatidos, provocando, muitas vezes, a intervenção direta de um país sobre o

---

<sup>56</sup>. VIDAL, 1997, p. 5.

<sup>57</sup>. Apesar disso, os soviéticos foram “imperialistas”, embora dentro das suas áreas de influência, como demonstram as invasões na Hungria em 1956, na Tchecoslováquia em 1968 e no Afeganistão em 1989. YOUNG, 1993.

outro. Normalmente as superpotências impuseram sua política dentro dos países da sua esfera de influência<sup>58</sup>.

Este maniqueísmo das opções políticas permitiu ações extremas das superpotências. A reação norte-americana contra os movimentos de luta armada que se desenvolveram na década de 60 teria como característica básica o enfoque que ocorreu no Vietnã do Sul: os Estados Unidos financiariam forças de repressão de governos anticomunistas ou mesmo praticariam intervenção direta. Podemos verificar uma grande contradição entre o discurso norte-americano e sua prática política: na sua luta contra a “ditadura e a tirania” comunista, os Estados Unidos acabariam apoiando “ditaduras e tiranias” anticomunistas, como no próprio Vietnã do Sul, no Brasil durante a década de 60 e no Chile durante a década de 70, entre outros.

Os soviéticos também iriam estimular reações conservadoras dentro dos países de sua área de influência, como foi o caso da repressão do governo polonês contra o sindicato Solidariedade na virada das décadas de 70 e 80, além da sua intervenção fracassada no Afeganistão<sup>59</sup>. Em resumo: *as grandes potências exigiam que suas posições fossem aceitas nos países de sua área de influência.*

O uso deste imaginário não se limitou às superpotências: grupos políticos de todos os lugares do mundo iriam se utilizar deste maniqueísmo para poder chamar seu grupo rival de “comunista” ou “capitalista”, dependendo da área de influência que o país deste grupo estivesse localizado, tentando impedi-lo de exercer ou de chegar no poder. Muitas vezes, o objetivo do grupo acusador era conseguir apoio (leia-se dinheiro, armas e, algumas vezes, soldados) da superpotência ou estimular reações nos setores mais conservadores das suas sociedades contra este grupo “comunista” ou “capitalista”.

O maniqueísmo nem sempre funcionou inteiramente: em 1956, quando Israel, Inglaterra e França invadiram o Canal de Suez, recém na-

---

<sup>58</sup>. Não apenas as superpotências, pois países subdesenvolvidos também têm por hábito tentar impor sua influência nos países que estejam, de alguma maneira, dentro das suas esferas de interesses. MAGNOLI, 1988.

<sup>59</sup>. De acordo com Henry Kissinger: “Havia um conflito ideológico, e somente um país - os Estados Unidos - possuía completa panóplia de recursos - políticos, econômicos e militares - para organizar a defesa do mundo não comunista. Uma nação em tal posição é capaz de insistir sobre os seus pontos de vista e pode, com frequência, evitar o problema colocando para os estadistas de sociedades menos favorecidas as seguintes questões: que os seus meios os obrigam a perseguir metas menos ambiciosas que as suas expectativas, e que as circunstâncias exigem que lidem com estas metas por etapas.” KISSINGER, 1997, p. 18.

cionalizado pelo Egito governado por Gamal Nasser, um nacionalista radical, tanto os Estados Unidos quanto a “inimiga” União Soviética ficaram no mesmo lado da questão, ou seja, contra os invasores.

Apesar de desconsiderar os problemas locais no “mundo capitalista”, os governantes dos Estados Unidos justificavam suas atitudes agressivas através do real crescimento do comunismo pelo mundo, pois o número de lideranças, civis e militares ou guerrilheiras de esquerda apresentou um considerável aumento na segunda metade do século XX.

### **Revolução Socialista**

As duas superpotências impuseram essa divisão de mundo para os seus povos e para os povos de suas “esferas” de influência. Mas essa imposição não foi de forma alguma tranqüila, pois as aspirações nacionais tendiam a produzir confrontos com a ordem mundial.

Apesar dos soviéticos não estarem estimulando o crescimento do comunismo mundial, *o comunismo estava crescendo mundialmente* ou dando essa impressão. Gabriel Kolko, na obra *Century of War*, argumentou que o termo Guerra Fria foi inadequado para os acontecimentos do pós-guerra: o comunismo cresceu nos países pobres pelo enfraquecimento das nações européias, quando haviam questões coloniais diretamente envolvidas, e pelo próprio exemplo soviético nos campos de batalha durante a Segunda Guerra Mundial, além da sua presença no Leste Europeu, dando, para vários grupos de esquerda, a idéia de que a União Soviética apoiaria qualquer movimento revolucionário<sup>60</sup>. Dentro dessa lógica, o anseio pela revolução socialista cresceu em todo o mundo.

Os soviéticos não pretendiam ajudar movimentos de esquerda (com receios de provocar uma nova guerra mundial, desta vez contra os Estados Unidos), até pelo contrário: pretendiam controlar esses movimentos. Grupos de esquerda recebiam (quando chegavam a receber) apenas uma pequena ajuda dos soviéticos, pois estes sempre mostravam-se relutantes em apoiar movimentos armados - e, principalmente, movimentos dos quais não pudessem controlar.

Para tentar controlar a “revolução comunista mundial”, os soviéticos procuravam orientar ideologicamente estes movimentos de esquerda com a idéia de se lutar por uma revolução em etapas: para se atingir a revolução socialista era necessário passar por algumas etapas (no proces-

---

<sup>60</sup>. KOLKO, Gabriel. *Century of War – Politics, Conflicts, and Society Since 1914*. New York: The New Press, 1994.

so que foi chamado de “etapismo”), ou seja, primeiro deveria acontecer a etapa de uma revolução burguesa e, apenas depois desta etapa, é que se deveria lutar pela revolução socialista<sup>61</sup>.

Contestações a esta visão revolucionária começariam a aumentar, assim como também as críticas ao monopólio do marxismo e da revolução detidos até então pela União Soviética. O primeiro grande momento de contestação ao monopólio soviético foi a Revolução Chinesa, ocorrida em 1949, que mostrou as possibilidades de se fazer uma revolução através da guerrilha com a participação do campesinato. Nos primeiros anos de revolução, a China esteve ligada à União Soviética, mas esses laços desintegrar-se-iam no decorrer dos anos, com choques de interesses cada vez maiores entre as duas nações, que fizeram com que a China tomasse posições cada vez mais independentes<sup>62</sup>.

A Revolução Chinesa e a Guerra da Coreia alimentaram a idéia de que a China conduziria todo o Sudeste Asiático ao comunismo e criaria, dentro dos Estados Unidos, uma das mais polêmicas teses políticas surgidas durante a Guerra Fria, a chamada “Teoria do Dominó”: quando uma nação da região caísse sob o domínio do comunismo, as nações vizinhas logo cairiam também, como num jogo de dominó, onde depois de se derrubar a primeira peça as demais cairiam rapidamente, o que poderia destruir a política norte-americana na região.

Tal “teoria” desconsiderava completamente as diferenças regionais, transformando todos os envolvidos em “comunistas”, caso fossem de oposição (qualquer que seja), ou em “democratas”, caso estivessem do lado norte-americano, sendo que tudo era válido para se impedir a queda das peças do “dominó”.

A possível queda da Indochina, onde forças nacionalistas (incluindo comunistas) lutavam contra os franceses, seria o início da derrocada da liberdade na região. Assim, os norte-americanos auxiliaram os franceses nos seus esforços de guerra para manter sua colônia, alegando que a luta francesa era contra o comunismo. Com a saída da França e a divisão da península da Indochina, os Estados Unidos passaram a intervir diretamente na região, tentando fazer com que os instáveis, violentos e impopulares regimes do Vietnã do Sul pudessem se manter sem cair perante o regime comunista do Vietnã do Norte.

---

<sup>61</sup>. GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

<sup>62</sup>. MORROCK, Richard. *Revolução e Intervenção no Vietname*. In HOROWITZ, David (org.). **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.



O envolvimento dos Estados Unidos na Indochina desconsiderou o problema central da região: as lutas tinham um forte caráter nacionalista, com o comunismo catalisando ainda mais as forças, tanto para a expulsão dos franceses quanto, posteriormente, para a expulsão dos norte-americanos<sup>63</sup>. Hoang Van Chi, historiador vietnamita, afirmou “*que pode ser dito da revolução vietnamita é que começou no nacionalismo e terminou no comunismo*”<sup>64</sup>.

Um outro acontecimento decisivo para a crítica à linha soviética foi a Revolução Cubana, ocorrida em 1959. Esta revolução desafiava todas as premissas da orientação soviética, pois não foi feita pela classe operária, nem dirigida pelo partido comunista e nem sequer respeitou as etapas previstas nas teorias<sup>65</sup>. A revolução foi liderada por um pequeno grupo guerrilheiro, que foi crescendo até a derrubada do governo de Fulgêncio Batista, naquilo que seria chamado militarmente de “foquismo”<sup>66</sup>. Os personagens que conduziram a revolução, em particular Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, eram carismáticos o suficiente para se tornarem exemplos para novos pretendentes à revolução.

A guerrilha tornava-se um modelo para a conquista do poder e para a implantação da revolução socialista, indiferentemente a qualquer orientação soviética. Um outro exemplo poderoso foi a resistência da guerrilha Vietcong contra os próprios Estados Unidos no Vietnã durante a década de 60. Além da luta guerrilheira ganhar um grande espaço na mídia mundial, sua resistência vitoriosa contra a maior força militar do planeta demonstrava (ou dava essa impressão) da sua eficácia para a luta revolucionária.

Nas décadas de 50 e 60 o mundo ocidental viu surgir inúmeros grupos revolucionários que lutavam pela revolução socialista, acusando seus governos de serem títeres dos Estados Unidos e do capitalismo internacional. China e Cuba chegariam a apoiar muitos desses grupos, o que enfureceu os soviéticos (que ainda tentavam controlar esses movimentos de esquerda), além de dar uma justificativa pertinente para a intervenção dos Estados Unidos nos mais variados lugares do mundo.

A espionagem tornou-se, então, essencial para as superpotências. As duas principais agências de espionagem, a CIA (Central of Intelligence

---

<sup>63</sup>. *Idem*.

<sup>64</sup>. Citação extraída de: LLOYD, Dana Ohlmeyer. **Ho Chi Minh**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, Coleção “Os Grandes Líderes”, p. 62.

<sup>65</sup>. Schwarz, Roberto. Um Seminário de Marx. In **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais!. São Paulo, 08/10/95.

<sup>66</sup>. GORENDER, 1987.

American) norte-americana e a KGB (Comissão para a Segurança do Estado) soviética, foram acusadas de promover os mais variados atos de hostilidade contra várias países, além de roubar e passar informações ditas como vitais<sup>67</sup>.

Mas a espionagem não foi exclusividade das superpotências: praticamente todos os países do mundo desenvolveram os seus setores de segurança e espionagem, temendo atos de espionagem contra si - ou promovendo os atos de espionagem contra outros países. O clima de confronto da Guerra Fria ajudou a manter a idéia da existência de complôs sujos e sórdidos, que também deveriam ser combatidos da mesma forma pelas “forças do bem”, sejam elas quais forem.

A espionagem, ao mesmo tempo que assustava, também fascinava o público - a mistura de medo com o fascínio pelo “lado negro” do poder sempre chamou a atenção do público de um modo geral<sup>68</sup>. O cinema imortalizaria esta relação medo/fascínio através da construção de uma imagem heróica e misteriosa do espião, principalmente na figura do agente secreto inglês James Bond e de seu famoso código, 007<sup>69</sup>. Entre muitas de suas aventuras, James Bond “lutou” várias vezes para impedir uma Terceira Guerra Mundial. Fora das telas, em muitos lugares do mundo, como no Vietnã, existiram reais possibilidades de uma temida Terceira Guerra Mundial.

### **Medo da Terceira Guerra Mundial**

O medo da Terceira Guerra Mundial começou imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial. Os seis anos de mortes e violên-

---

<sup>67</sup>. Sobre as ações da Cia, ver: AGEE, Philip. **Dentro da “Companhia” - Diário da CIA**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976; e o documentário **Os Bastidores da CIA**, Estados Unidos, Discovery Channel, produzido por Alan Levin e Stephen Sept, 1997; sobre as ações da KGB, ver TRASIBULO, Maria Cristina; HENRIQUÊ, Don Alfonso e AUGUSTUS, Cesar. **En Los Subterráneos de La Guerra Psicológica - CIA/KGB: El Nuevo Tratado de Tordesillas**. Lisboa: Editora Latina, [s.d.].

<sup>68</sup>. GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

<sup>69</sup>. De acordo com Eric J. Hobsbawn: “A Guerra Fria que de fato tentou corresponder à sua retórica de luta pela supremacia ou aniquilação não era aquela em que decisões fundamentais eram tomadas pelos governos, mas a nebulosa disputa entre seus vários serviços secretos reconhecidos e não reconhecidos, que no Ocidente produziu esse tão característico subproduto da tensão mundial, a ficção de espionagem e assassinato clandestino. Nesse gênero, os britânicos, com o James Bond de Ian Fleming e os heróis agrídoces de John le Carré - ambos tinham trabalhado nos serviços secretos britânicos - , mantiveram uma firme superioridade, compensando assim o declínio de seu país no mundo do poder real.” HOBBSAWN, 1995, p. 226.

cia do conflito recém terminado criaram desejos por parte expressiva da população mundial, em particular dos Estados Unidos e da Europa, para que uma nova guerra não ocorresse outra vez – ou, pelo menos, não tão rapidamente. Grupos pacifistas surgiram defendendo a paz – embora estes grupos (ou pelo menos a maioria expressiva deles) seguissem as linhas políticas vindas de Moscou, pressionando os governos ocidentais a serem menos agressivos em relação à União Soviética<sup>70</sup>. Mas foram os lançamentos das bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasaki que deixaram o mundo na expectativa de uma Terceira Guerra Mundial.

Por que os norte-americanos usaram as bombas? De acordo com Gal Alperovitz, no seu estudo clássico sobre a diplomacia americana no imediato pós-guerra, as bombas foram utilizadas mais para repercutir em Moscou do que propriamente em Tóquio, pois os japoneses já estavam completamente derrotados e o uso das bombas atômicas não mudaria o destino das guerras. Em outras palavras, foi uma demonstração, pouco sutil, de que os Estados Unidos não pensariam duas vezes antes de utilizar seu arsenal atômico sobre os países inimigos em potencial - e a União Soviética era o primeiro país na lista - , caso existissem “problemas” diplomáticos no pós-guerra<sup>71</sup>.

A visão de Alperovitz foi contestada: alguns pensadores defendem que a cúpula militar norte-americana não tinha como saber da real situação japonesa e o uso das bombas não passava de uma necessidade estratégica da guerra propriamente dita, pois evitou a morte de muitas vidas norte-americanas que iriam ocorrer caso os Estados Unidos tivessem de invadir o território japonês; já outros pensadores argumentam que, pela lógica da cúpula política norte-americana, uma vez desenvolvida a bomba, ela teria de ser utilizada, já que foram gastos mais de 2 bilhões de dólares na sua construção em Alamagordo no chamado “Projeto Manhattan”<sup>72</sup>.

De qualquer forma, a explosão das bombas repercutiram em Moscou efetivamente. A estratégia soviética perante a bomba atômica norte-americana, num primeiro momento, seguiu dois caminhos distintos:

---

<sup>70</sup>. HOLLOWAY, 1997.

<sup>71</sup>. ALPEROVITZ, Gar. **Diplomacia Atômica: o Uso da Bomba Atômica e o Confronto do Poder Americano com o Soviético**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Saga, 1969.

<sup>72</sup>. Discussões levantadas na introdução de SHERWIN, Martin J. The Atomic Bomb. In LEFFLER; PAINTER, 1995.

1º - subestimar a importância da bomba atômica; 2º - desenvolver a sua própria bomba o mais rápido possível.

No primeiro ponto, a diplomacia soviética continuou agressiva e, sempre que possível, mostrando-se indiferente ao armamento norte-americano, não se intimidando de forma alguma e procurando, inclusive, impor-se como potência no tabuleiro do poder mundial, como fez, por exemplo, através do bloqueio de Berlim, em 1948, e atuando em outras regiões do mundo<sup>73</sup>. Muitos estudos militares, de ambas as partes, foram realizados no período de 1945 e 1947, sendo que a maioria deles indicou que, apesar da superioridade de fogo norte-americana, a bomba atômica não iria produzir efeitos militares significativos no caso de uma invasão na própria União Soviética<sup>74</sup>.

No segundo ponto, os soviéticos já tinham conhecimento das pesquisas norte-americanas do “Projeto Manhattan” em Alamogordo antes de Postdam e, por volta de 1943, eles começariam a desenvolver, lentamente, a construção da sua própria bomba. Com o impacto das explosões das bombas no Japão na elite política soviética, Stalin determinou que era necessário, de qualquer forma, que a União Soviética tivesse a sua própria bomba.

Stalin, então, priorizou o projeto atômico soviético e destinou recursos praticamente ilimitados para a construção da bomba, apesar da situação econômica do país estar caótica<sup>75</sup>. Com tal orientação, mais a presença de cientistas de grande capacidade intelectual (como Andriêi Sákharov e do cientista-chefe do projeto atômico soviético, Igor Kurchatov), além da eficiência da sua espionagem (que forneceu dados precisos sobre o “Projeto Manhattan”), os soviéticos aceleraram a construção da sua bomba atômica, que foi testada com sucesso em 29 de agosto de 1949<sup>76</sup>.

Nesse mesmo ano, os Estados Unidos conseguiriam estabelecer um padrão industrial do artefato nuclear para uma produção em larga escala, começando a chamada “*corrida armamentista*” entre as superpotências<sup>77</sup>. Em 1952, os Estados Unidos explodiram a bomba de hidrogê-

---

<sup>73</sup>. HOLLOWAY, 1997.

<sup>74</sup>. *Idem*.

<sup>75</sup>. O projeto atômico soviético utilizou-se de mais de 150 mil pessoas, a maioria trabalhando nas minas para obtenção de urânio e outros minérios atômicos. *Idem*.

<sup>76</sup>. *Idem*.

<sup>77</sup>. Robert G. Wesson argumenta que a “corrida soviético-americana de armas nucleares foi impulsionada pelo medo e por seu próprio ímpeto adquirido. A potência das armas é tamanha que parece indispensável contrabalançar o que o adversário possa fazer ou seja

nio, um arma ainda mais poderosa do que a bomba atômica, sendo que os soviéticos desenvolveriam a mesma bomba e a explodiriam em 1953<sup>78</sup>. As rampas de lançamento intercontinentais começaram a ser desenvolvidas e, já no final da década de 50, o homem poderia lançar um satélite artificial no espaço (como os soviéticos fizeram ao lançar o Sputnik) ou enviar uma bomba nuclear, com muita precisão de alvo, nos mais distantes lugares do mundo.

O confronto tecnológico foi uma das características básicas da Guerra Fria, pois tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética procuravam ter os arsenais nucleares mais numerosos e de tecnologia mais avançada. Tal confronto tecnológico e equilíbrio armado criou uma das representações mais fortes da Guerra Fria, que foi o chamado “equilíbrio do terror”. Tal equilíbrio evitou uma guerra entre os dois países, pois aquele que atacasse primeiro correria o risco de sofrer um terrível e destruidor contra-ataque, muito mais devastador do que o seu ataque inicial - situação que seria denominada na década de 80 do século XX de “the day after”<sup>79</sup>.

Apesar desses armamentos evitarem uma guerra entre as superpotências, as armas nucleares não evitaram as inúmeras guerras que se alastraram entre os demais países nos anos seguintes depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, as armas nucleares aumentaram ainda mais os problemas das regiões em litígio: qualquer destes “incidentes”, dependendo dos resultados, eram ameaçados por uma superpotência com um ataque nuclear, ataque este que poderia ser respondido pela outra superpotência. Mesmo conflitos menores poderiam levar a uma Terceira Guerra Mundial.

Para evitar esse confronto, muitos desses incidentes tiveram participação direta das superpotências com tropas e armas convencionais, mas limitados dentro da sua área de influência - a superpotência enviava apenas uma parte das suas forças para uma região em conflito, procurando mostrar ao seu inimigo que ele não poderia vencer, obrigando as ne-

---

capaz de fazer. Se ter algumas armas nucleares é desejável, ter mais é ainda melhor. A incerteza gera o medo; o sigilo soviético alimenta os “falcões” em Washington.” WESSON, 1978, p. 60.

<sup>78</sup>. A bomba atômica soviética era praticamente uma cópia da bomba norte-americana, mas a bomba de hidrogênio soviética era um projeto original da ciência soviética. HOLLOWAY, 1997.

<sup>79</sup>. Tal expressão surgiu de um telefilme norte-americano de mesmo nome, que tratava justamente do dia seguinte a uma guerra nuclear. **O Dia Seguinte** (*The Day After*), Estados Unidos, dirigido por Nicholas Meyer, 1983.

gociações de paz. A Guerra da Coreia seria o primeiro exemplo daquilo que ficou conhecido como “Guerra Limitada”<sup>80</sup>.

A Guerra da Coreia acabou também por demonstrar os limites do poder norte-americano no mundo, pois, apesar do seu grande poder militar, os resultados da guerra indicaram um melancólico empate<sup>81</sup>. Os Estados Unidos não utilizaram a bomba atômica e logo sentiriam as dificuldades de manter suas Forças Armadas de prontidão em época de paz. Na década de 50, durante o governo Eisenhower, John Foster Dulles, chefe de Departamento de Estado, para diminuir os gastos com as Forças Armadas e manter a ameaça de retaliação no caso de algum avanço comunista, alterou a política externa: qualquer avanço comunista, por menor que fosse, seria respondido com armas nucleares, naquilo que ficou conhecido como a política da “Retaliação Maciça”. Houve, então, uma considerável desmobilização das Forças Armadas norte-americanas (e conseqüente diminuição da carga de impostos), além de uma autonomia e ampliação da ação da CIA, o que intensificou a espionagem norte-americana nos países onde existiam “problemas”. A Guatemala foi o primeiro país da América Latina a entrar na lógica da Guerra Fria com a derrubada do governo Arbenz, com auxílio da CIA<sup>82</sup>.

Com a Revolução Cubana em 1959 e a deterioração da situação do Vietnã do Sul, tal política seria novamente alterada durante o governo Kennedy, que retomaria a política de mandar forças regulares para uma determinada região onde os interesses norte-americanos estivessem sendo ameaçados. Logo, os Estados Unidos estariam diretamente envolvidos no Vietnã do Sul numa guerra “limitada”. E também enfrentariam o perigo de uma guerra nuclear a partir de suas fronteiras: a crise dos mísseis cubanos em 1962 quase levou as duas superpotências para o conflito nuclear. A bomba não foi utilizada, mas seu terror sempre atormentaria o mundo.

Os problemas no tocante à produção de armas, nucleares ou não, não se limitavam apenas a questões da Guerra Fria. Grupos e interesses

---

<sup>80</sup>. Wesson salienta que “No começo da década de 1950, a União Soviética deu à luz uma força competitiva, mas os Estados Unidos esforçaram-se por continuar suficientemente superiores para poderem pensar em termos de “força punitiva comunitária” ou retaliação maciça - isto é, a capacidade verossímil de ameaça com punição nuclear contra qualquer transgressão comunista”. WESSON, 1978, p. 55.

<sup>81</sup>. YOUNG, 1993.

<sup>82</sup>. BAPTISTA JR., Roberto. **Comunismo Internacional, Repressão e Intervencionismo nos governos Dutra e Vargas (1945-1954)**. Brasília, Dissertação de Mestrado, Março/2001 (mimeo).

dos mais variados também atuavam nessa dinâmica da Guerra Fria. Um desses grupos foi o chamado Complexo Industrial-Militar, ou seja, um complexo de redes industriais ligadas à produção de armas e equipamentos militares, com interesses nas verbas governamentais que movimentavam essa indústria. Tal “complexo” existia antes do fim da Segunda Guerra Mundial, mas ganhou um grande desenvolvimento com a Guerra Fria, pois ela era uma justificativa para a manutenção de um infinito estado de guerra, dando o *status* de importância (e lucro) dessas indústrias<sup>83</sup>.

O Complexo Industrial-Militar fazia parte da realidade das duas superpotências. Para a União Soviética, era quase que necessário efetuar gastos nessa área pois, além das pressões que os membros do Exército Vermelho constantemente faziam, era uma inesgotável fonte de arrecadação de rendas e de produção para o país. Os gastos com armamentos produziam muitos empregos diretos e uma série de empregos indiretos, o que fazia a economia soviética, mesmo que de maneira cambaleante, funcionar<sup>84</sup>.

Nesse sentido, a venda de armas transformou-se num grande comércio, tanto para os soviéticos quanto para os norte-americanos. Tal comércio precisava ser mantido e, neste sentido, a idéia de um confronto entre as duas superpotências era perfeitamente lógica e aceitável para membros desses setores de ambos os lados<sup>85</sup>.

---

<sup>83</sup>. Wesson argumenta que “Muito pode ser dito contra o comércio de armas. Ele é suscetível de causar instabilidade e aumentar as tensões; alguns governantes serão provavelmente tentados a usar suas armas reluzentes e novinhas em folha, embora outros possam desejar manter intactos seus dispendiosos brinquedos. É lícito conjecturar que a escalada na corrida de armas convencionais favorece a proliferação de armas nucleares. (...) Os armamentos também constituem um exemplo de consumo conspicuo, uma marca de poder e progresso, à semelhança de uma empresa aérea nacional. O seu uso mais provável é para derrubar um governo ou sustentar uma ditadura”. WEASSON, 1978, p. 86.

<sup>84</sup>. CHOMSKY, 1996.

<sup>85</sup>. Tal comércio atingiria as outras nações do mundo. A África seria um dos maiores consumidores de armas na segunda metade do século XX. Vivendo imerso na mais profunda miséria e com inúmeras crises políticas (devido à grande quantidade de tribos e de grupos radicais com os mais variados interesses), o “continente negro” vivia (como ainda vive) em estado de guerra permanente. As superpotências e outros países produtores de armas (como o Brasil) iriam se aproveitar deste estado de “guerra permanente” para vender suas armas e, conseqüentemente, aumentar ainda mais o flagelo do povo africano. Informação extraída do documentário **Guerra Fria**, programa exibido pela Rádio e Televisão Cultura, São Paulo, janeiro de 1998. **Guerra Fria**. São Paulo, Rádio e Televisão Cultura, dirigido por Roseli Ferro, 1998.

## Contracultura

A Contracultura foi um fenômeno que atingiu o seu apogeu durante o período da Guerra do Vietnã, mesmo tendo suas origens na década de 50. É difícil definir toda a extensão deste termo, pois os grupos que compunham a Contracultura não apresentavam uma unidade<sup>86</sup>. De acordo com Theodore Roszak, os movimentos contestatórios foram feitos por uma minoria de jovens das décadas de 60 e 70, filhos do chamado “*baby boom*” (expressão que define os aproximadamente 86 milhões de nascimentos entre 1946 e 1964, apenas nos Estados Unidos), criados na prosperidade econômica que os países desenvolvidos atingiram depois da Segunda Guerra Mundial.

Esses jovens - diferentemente de seus pais, que precisaram sujeitar-se ao trabalho quer pela depressão econômica ou pela guerra - desejavam ficar jovens eternamente. Para esses “jovens mimados” e criados na abundância, não acostumados às convenções sociais (muito mais suaves nas suas casas, nas escolas e nas universidades), a sociedade tinha de ser mudada para a busca do prazer que tais convenções sociais impediam.<sup>87</sup> Em outras palavras, esses jovens procurariam criar uma outra cultura, uma cultura alternativa à cultura aceita pela sociedade – procurariam criar uma Contracultura<sup>88</sup>.

Ainda na década de 50, foi criado uma espécie de “mercado jovem”, ou seja, a comercialização de produtos única e exclusivamente para jovens, reforçando a idéia da juventude como um fim em si mesma<sup>89</sup>. Tais produtos poderiam ter intenções meramente comerciais, mas

<sup>86</sup>. Alguns autores fazem, inclusive, divisões mais radicais sobre os movimentos de contestação da década de 60, como é o caso de Peter Cleack, que chama de “Movimento” o conjunto de ações não-conformistas praticadas nos Estados Unidos neste período, dividindo-o assim: “o movimento negro, o movimento estudantil, a nova esquerda, o movimento feminista, a contracultura.” CLEACK, Peter. O Movimento dos Anos 60 e o seu Legado Cultural e Política. In COBEN, Stanley e RATNER, Norman (orgs.). **O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana**. Rio de Janeiro: Anima, 1985, p. 353.

<sup>87</sup>. ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

<sup>88</sup>. De acordo com o Luís Carlos Maciel, contracultura “é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos.” Citação extraída de: PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, Coleção Primeiros Passos, p.13;

<sup>89</sup>. Os principais produtos construídos e consumidos pela juventude estavam relacionados com o *cinema*, onde personagens como o motoqueiro Marlon Brando e o rebelde sem causa James Dean colocavam-se contra os adultos, criando uma série de imitações baratas



acabariam realizando uma profunda revolução cultural de crítica jovem ao mundo<sup>90</sup>, criando representações que se manifestariam, principalmente, na década seguinte.

Mas foi na década de 50 que um outro produto cultural importante, a televisão, começaria a se destacar como o meio de comunicação mais importante. Os meios eletrônicos de um modo geral tiveram uma expansão fantástica durante a década de 50, e, conseqüentemente, a televisão também. Quase que toda a cultura norte-americana ficou dependente da televisão, tanto que os principais ídolos musicais utilizaram-se do meio para alcançar (ou manter) o seu sucesso, como foi o caso de Elvis Presley em 1956 e, em 1964, dos Beatles<sup>91</sup>.

O mais importante foi que esse meio acabou por particularizar coisas distantes, aumentando a idéia de livre arbítrio, ou seja, de que as pessoas tinham uma capacidade de participação social maior. Problemas

muito consumidas pelos jovens (os chamados filmes “B”); com a *música popular*, onde os jovens buscavam alternativas aos cantores tenores e ítalo-americanos (cujo exemplo máximo era Frank Sinatra) principalmente através da música negra (o *jazz* e o *rhythm’n’blues*), originando uma nova música relacionada diretamente com os jovens, o *rock’n’roll*, cujos ídolos também apareciam como transgressores (o rebelde e sexual Elvis “the Pelvis” Presley, o andrógino Little Richard, etc.); com a *literatura*, como a obra de J. D. Salinger, *The Catcher in the Rye* (O Apanhador no Campo de Centeio), que mostrava os pensamentos de um adolescente rebelde, enquanto que a Geração Beat (precursores diretos dos *hippies*) e suas propostas de liberdade ganhavam o mercado editorial com a poesia *Howl* (Uivo), de Allen Ginsberg, e o relato das viagens de carona de Jack Kerouac em *On The Road*; com as *revistas em quadrinhos*, pois elas estimularam a imprensa alternativa norte-americana, que teria como base os campus universitários, e ajudariam a abrir espaço para quadrinistas como Robert Crumb e Robert Williams. Fora da imprensa alternativa, a revista *MAD* era um dos produtos intensamente consumidos pelos jovens, apresentando críticas à vida e situações cotidianas, mesmo que sem intenções revolucionárias.

<sup>90</sup>. Mas nem tudo foi tão “maravilhoso” assim para a juventude deste período. Mesmo tendo sobrevivido uma idéia de que a década de 50 (muitas vezes chamado de “anos dourados” - termo utilizado antes mesmo do seriado produzido pela Rede Globo como este mesmo nome) foi um momento único de rebeldia jovem, muitos intelectuais discordam desta visão. Russell Jacoby comenta que: “Enquanto as rebeliões dos anos 60 podem ser e foram documentadas exaustivamente, os anos 50 parecem cada vez mais confusos, assim como cruciais. Os anos 50 se caracterizaram pela rápida suburbanização, pela ascensão e queda do macarthismo e pelos beats. Esses anos também testemunharam uma nova crise nacional: a delinqüência juvenil, tema de intermináveis investigações. No entanto, os editoriais dos jornais lamentavam também outro fenômeno, quase oposto: o da juventude apática e conformista.” JACOBY, Russell. **Os Últimos Intelectuais: a Cultura Americana na Era da Academia**. São Paulo: Trajetória Cultural; USP, 1990, p. 66.

<sup>91</sup>. A apresentação dos Beatles no programa de Ed Sullivan teve uma audiência de aproximadamente 73 milhões de telespectadores, a maior até então na história da televisão norte-americana;

aparentemente longínquos eram apresentados continuamente e no cotidiano de milhões de pessoas através da televisão - milhões de jovens eram apresentados aos problemas sociais dos mais variados pontos do mundo e não ficariam indiferentes a eles.

A produção televisiva começou a ser influente na vida de milhões de norte-americanos, e não apenas por causa dos programas jornalísticos: um dos primeiros produtos realizados pela televisão foram os seriados semanais, que no Brasil ficariam conhecidos pejorativamente como “enlatados”. Apesar de seu discutível nível cultural, esses seriados não apenas confirmavam os valores tradicionais, como também acabaram criando representações críticas da vida dos Estados Unidos. O seriado *Rota 66*, fortemente influenciado pela Geração Beat, seria um desses exemplos. Os dois jovens que percorrem a rota 66 com seu automóvel passavam mais do que histórias ficcionais - eles realizaram um mergulho dentro da sociedade norte-americana, mostrando as relações sociais de pequenas cidades, com seus problemas de relacionamento, moralidade, racismo, etc<sup>92</sup>.

O novo meio aproximava questões distantes, o que alterou profundamente a maneira de uma parte expressiva do público de encarar certos acontecimentos, como a reação contra o segregacionismo racial no sul dos Estados Unidos. A política contra a segregação racial, iniciada durante o governo Eisenhower e levada a cabo durante o governo Kennedy, recebeu o reforço de inúmeros jovens, que formaram o *Students for a Democratic Society* (Estudantes por uma Sociedade Democrática), o SDS, um grupo de pressão e atuação para que o segregacionismo fosse abolido. Uma vez conseguido esse objetivo, o SDS colocar-se-ia contra a Guerra do Vietnã<sup>93</sup>.

A Contracultura também seria um dos frutos do *Imaginário da Guerra Fria*? Em muitos sentidos a resposta é positiva, pois o *Imaginário da Contracultura* buscava representações alternativas ao moralismo comportamental das sociedades industriais e, por assim dizer, buscava também alternativas aos radicalismos maniqueístas do *Imaginário da Guerra Fria*, apresentando novas representações, inclusive representações a serem combatidas.

Uma das representações que o *Imaginário da Contracultura* combatia era a tecnocracia, pois não importava se o regime fosse capita-

---

<sup>92</sup> JACOBY, 1990.

<sup>93</sup> Para saber sobre a trajetória dos grupos de estudantes norte-americanos, ver: WELLS, Tom. **The War Within: America's Battle Over Vietnam**. Los Angeles: University of California Press Ltda, 1994.

lista ou comunista (a divisão por excelência do *Imaginário da Guerra Fria*): a ordem tecnocrática era a mesma nas duas formas de governo<sup>94</sup>. Para os comunistas, o grande inimigo era o capitalismo; para os membros da Contracultura, o grande inimigo era o “sistema” e suas infinitas redes de poder que aprisionavam o indivíduo. Os primeiros lutavam contra a opressão econômica de um classe sobre as demais procurando libertá-las; os membros da Contracultura lutavam pela “liberdade” limitada ou impedida pelas amarras tecnocráticas<sup>95</sup>.

Na verdade, nunca foi dada uma definição exata deste conceito de “liberdade”. Um exemplo desta busca de “liberdade” sem um conceito mais definido pode ser acompanhada num dos primeiros grupos de hippies, *The Merry Pranksters*, grupo formado pelo escritor Ken Kesey, que consistia num bando de andarilhos que viajavam de cidade em cidade dos Estados Unidos com seu próprio ônibus (o motorista era o famoso modelo da geração Beat e personagem central de *On the Road*, Neal Cassidy), fazendo peças teatrais, quase sempre surrealistas, cheias de críticas contra a sociedade tradicional norte-americana e, logicamente, contra o “sistema”<sup>96</sup>.

Muitos outros grupos se formaram no início da década de 60, mas este ficou sendo o mais conhecido por causa do chamado *Electric Kool-Aid Acid Tests*, ou simplesmente *Acid Tests* - “testes” que consistiam na distribuição de LSD para o público (a droga foi colocada na ilegalidade

<sup>94</sup>. Para Theodore Roszak, tecnocracia é “a forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, racionalização, planejamento. Com base em imperativos incontestáveis como a procura de eficiência, a segurança social, a coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial. (...) A política, a educação, o lazer, o entretenimento, a cultura como um todo, os impulsos inconscientes e até mesmo, como veremos, o protesto contra a tecnocracia - tudo se torna objeto de exame de manipulação puramente técnicos”. ROSZAK, 1972, p. 19.

<sup>95</sup>. Comentando os incidentes de Paris em 1968, Hobsbawn nos afirma que: “O inimigo (destes revolucionários franceses), por definição, não tem rosto e nem sequer é uma coisa ou uma instituição, mas um programa de relações humanas, um processo de despersonalização, não a exploração que envolve exploradores, mas a alienação. É significativo que a maioria dos próprios estudantes (diferentemente dos operários, menos revolucionários) não estava preocupado com De Gaulle, exceto na medida em que o objetivo real, a sociedade, estava ofuscada pelo fenômeno puramente político do gaullismo. O movimento popular foi, pois, subpolítico ou antipolítico.” HOBBSBAWN, Eric J. Maio de 1968. In **Revolucionários**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 242.

<sup>96</sup>. Informações sobre o grupo *The Merry Pranksters* extraídas de: WOLFE, Tom. **O Teste do Ácido do Refresco Elétrico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

em 1966) com shows que aclimatizavam as “viagens”, como luzes coloridas, vivas e brilhantes, música tocada com volume alto, projeção de filmes, danças, ou seja, vários efeitos para realçar as experiências sensoriais produzidas pela droga. Tudo isso feito antes de Timothy Leary ter se transformado no “papa do LSD”<sup>97</sup>.

Liberdade num clima carregado de música, cores e drogas - nada se parece com os conceitos de liberdade defendidos por comunistas ou liberais, por exemplo<sup>98</sup>. E tal busca por “liberdade” estendeu-se a todos os povos do mundo, pelo menos na mente de milhares de jovens<sup>99</sup>.

Herbert Marcuse seria o grande teórico desta linha, pois o pensador alemão propunha que, já que as classes trabalhadoras dos países desenvolvidos estavam satisfeitas com a prosperidade econômica e com a

---

<sup>97</sup>. Para saber sobre a trajetória de Timothy Leary, ver LEARY, Timothy. **Flashbacks “Surfando no Caos” - uma Autobiografia**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

<sup>98</sup>. Para Eric J. Hobsbawn, esta “revolução cultural” era impotente: “Todo o tema é, na realidade, parte integrante de uma questão muito mais ampla: qual é o papel que desempenha na revolução ou em qualquer mudança social essa revolução cultural que hoje constitui uma vertente visível da ‘nova esquerda’ e que, em alguns países, como os Estados Unidos, é seu aspecto dominante? Não há revolução social importante que não seja combinada, pelo menos periféricamente, com tal dissidência cultural. Talvez hoje, no Ocidente, onde a força-motriz básica da rebeldia é a “alienação” mais que a pobreza, nenhum movimento que também não ataque o sistema de relações pessoais e de satisfações privadas pode ser revolucionário. Mas, em si mesmas, a rebelião cultural e a dissidência cultural são sintomas, não forças revolucionárias. Politicamente não são importantes.” HOBBSAWN, 1985, p. 219.

<sup>99</sup>. De acordo com Edgar de Decca: “No mundo imagético elaborado pela complexa simbiose da revolta e da revolução viriam conviver conjuntamente, tanto o longínquo camponês da América Latina, Camboja e Vietname, como hippies da classe média americana que, reunidos numa fazenda nas proximidades de Nova Iorque iriam fundar a nação Woodstock. (...) A terra prometida do sexo, da droga e do rock and roll, essa utopia romântica dos rebeldes primitivos do mundo desenvolvido, convivia de mãos dadas com as utopias revolucionárias terceiro-mundistas, proporcionando um espectro abrangente e inovador no campo dos estudos sobre os movimentos sociais.” DECCA, Edgar Salvadori de. *Rebeldia e Revolução na História Social*. In BRESCIANI, Maria Stella; SAMARA, Eni de Mesquita; LEWKOWICZ, Ida (orgs.). **Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas**. São Paulo: ANPUH/São Paulo; Marco Zero; FAPESP, 1992, p. 20. Mas nem todos pensavam assim, como Paulo Francis nos demonstra: “Nos anos 60 a chamada Nova Esquerda me fascinou bastante. Porque à parte “ajudar os pobres” e humilhar os ricos, propunha uma liberdade sexual e um espírito de aventura ausentes do que eu conhecia da vida de revolucionários comunistas. Tudo isso degingolou na preguiça, ignorância e incompetência que marcam a contracultura, em que prevalece a linha mínima, biquíni de auto-afirmação: sou bom porque negro, porque invertido, porque mulher, porque isso e aquilo. Voltou a valer o que se é, não o que se faz, o que não passa de reacionarismo, ainda que mascarado de libertarismo em favor dos oprimidos.” FRANCIS, Paulo. **Trinta Anos Esta Noite: 1964, O Que Vi e Vivi**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p. 64.

segurança da orientação tecnocrática, restava às minorias o papel de lutar pela revolução, ou seja, negros, pobres, grupos radicais de países sub-desenvolvidos e, principalmente, estudantes<sup>100</sup>.

A revolução comportamental era uma maneira de se combater a tecnocracia, ou seja, impor o chamado “Princípio do Prazer” contra o “Princípio da Realidade”, dinamitando a sociedade tecnocrática naquilo que lhe era mais importante, ou seja, na sua capacidade de reprodução e de manter um ordenamento técnico<sup>101</sup>.

A interessante visão de Marcuse uniu a contestação comportamental da *Contracultura* e deu-lhe uma dinâmica dentro do *Imaginário da Guerra Fria*. Não foi, portanto, apenas a negação dos radicalismos do *Imaginário da Guerra Fria*, mas também uma dinâmica de atuação dentro deste imaginário.

Mas a complexidade do “sistema” (ou da tecnocracia), a reação conservadora de uma série de governos (que acreditavam estar ameaçados pelos “revolucionários”) e a própria falta de definições mais precisas dos grupos pertencentes à *Contracultura* acabariam por destruí-la<sup>102</sup>.

A Guerra do Vietnã era um dos resultados do *Imaginário da Guerra Fria*, mas uma parte expressiva da sua contestação pertencia ao *Imaginário da Contracultura*, que pensava a guerra como uma extensão dos poderes tecnocráticos. Não que o *Imaginário da Guerra Fria* também não influísse nos grupos de contestação à guerra, pois muitos deles utilizariam dos acontecimentos no Vietnã para alimentar as representações típicas do *Imaginário da Guerra Fria*, ou seja, utilizavam os acontecimentos para justificar sua adesão ao comunismo (colocando-se a favor do Vietnã do Norte/Vietcong e contra os Estados Unidos) ou para sua repulsa (colocando-se contra o Vietnã do Norte/Vietcong e a favor dos Estados Unidos).

Mas a complexidade do “sistema” (ou da tecnocracia), a reação conservadora de uma série de governos (que acreditavam estar ameaçados pelos “revolucionários”) e a própria falta de definições mais precisas

---

<sup>100</sup>. JACOBY, 1990.

<sup>101</sup>. MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

<sup>102</sup>. Para Hobsbawn, comentando o fracasso de Maio de 68: “Quando os franceses entraram em greve geral em maio de 1968, os acontecimentos no Teatro Odeon e aquelas maravilhosas inscrições ( “É proibido proibir”, “Quando faço revolução, sinto-me como se fizesse amor”, etc.) poderiam ser vistos como formas menores de literatura e teatro, marginais aos eventos principais. Quanto mais visíveis estes fenômenos, mais certeza podemos ter de que os acontecimentos realmente decisivos não estão ocorrendo. Chocar a burguesia é, infelizmente, mais fácil do que derrubá-la.” Hobsbawn, 1985, p. 219-220.

dos grupos pertencentes à Contracultura acabariam por destruí-la. A “contra-revolução” que destruiu a Contracultura praticamente começou no dia que Richard Nixon assumiu a presidência dos Estados Unidos em 1969, pois as pressões contra os grupos ditos como “radicais” tornaram-se maiores<sup>103</sup>.

Um dos últimos “sopros de vida” da Contracultura norte-americana foi a tentativa de classificar marginais e alguns tipos de bandidos como “anti-heróis”, ou seja, seres “inocentes” que lutavam contra o “sistema”. Assim, um simples assalto de banco ocorrido na cidade de Nova Iorque em 1971 (com o líder do assalto chamando os policiais de “porcos”, que era a maneira como os membros da Contracultura se referiam às autoridades, com uma parte do público ao redor ovacionando e a outra vaiando) ou a rebelião do presídio de Attica, no estado de Nova Iorque, ganhavam aspectos bem maiores do que suas próprias origens: o maniqueísmo da rebeldia “pura” dos excluídos sociais contra as “garras do sistema”<sup>104</sup>. A repressão contra esses marginais e bandidos seria intensa por parte das autoridades e esta representação morreria rapidamente no decorrer da década de 70.

A última expressão radical da Contracultura norte-americana foi o chamado Exército Simbionês de Libertação Nacional, um pequeno grupo violento com idéias confusas (quando não absurdas) que conseguiria grande espaço na mídia mundial ao seqüestrar a herdeira do império Hearst, Patricia Hearst, fazendo com que ela, inclusive, passasse a ser

---

<sup>103</sup>. Danny Fields, o “doidão” da gravadora Elektra Records, que foi despedido deste exótico cargo no dia que Nixon assumiu a presidência, nos revela, comentando a prisão de John Sinclair, o clima da época contra os “radicais”: John Sinclair era um alvo fácil. Acho que a defesa da marijuana foi o que fez John Sinclair dançar, muito mais do que a revolução ou ‘trepar nas ruas’. Todas as forças da lei e da ordem estavam galvanizadas naqueles primeiros dias da administração Nixon - foi na época em que o secretário de Justiça John Mitchell tinha recém-assumido o poder com uma incisiva mensagem de lei e ordem, antidroga e antijuventude. John Sinclair era grande e forte, e concluíram que poderiam decepar a cabeça do movimento pegando-o. Então prenderam-no por causa de dois baseados e deram a pena máxima pra ele. Naquela época havia nos livros leis draconianas que raramente eram aplicadas, a menos que quisessem você. E queriam John Sinclair.” Sinclair foi condenado a 10 anos de prisão por dois baseados (cigarros de maconha), mas cumpriu apenas dois anos e meio. Mas a severidade da pena contra Sinclair demonstrava que o Stablishment que a Contracultura tanto combatia, literalmente, “fechou o cerco”. Citação extraída de: McNeil, Legs e McCain, Gillian. **Mate-me Por Favor - uma História sem Censura do Punk**. Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 87.

<sup>104</sup>. Sobre este assalto, ver o filme **Um Dia de Cão** (*Dog Day Afternoon*), Estados Unidos, dirigido por Sidney Lumet, 1975; e sobre a rebelião de Attica, ver o filme **Attica: Solução Final** (*Against the Wall*), Estados Unidos, dirigido por John Frankenheimer, 1993.

membro do grupo e a participar das suas ações “militares”. O Exército Simbionês de Libertação Nacional seria destruído e Patty Hearst iria pedir desculpas por ter se convertido em “revolucionária”. Suas desculpas não iriam adiantar muito, pois ela ficaria alguns anos na prisão<sup>105</sup>.

Muitos dos movimentos radicais europeus seriam derrotados politicamente e escolheriam, então, o caminho das armas, como foi o caso das *Brigadas Vermelhas*, na Itália, e o *Bando de Baader* (Baader-Meinhof), na Alemanha. A *Gauche Prolétarienne*, organização maoísta francesa, abrandaria suas posições (não sem graves confrontos internos) e o jornal *Libération*, fundado em 1973, que era o porta-voz do maoísmo, modernizaria-se intensamente e, atualmente, é um dos mais importantes jornais europeus<sup>106</sup>.

A Contracultura, logicamente, não foi derrubada apenas por causa da reação conservadora. A “Crise do Petróleo”, de 1973, colocou fim aos tempos economicamente ricos que, em grande parte, tinha ajudado a dar condições aos jovens “mimados” de criarem a Contracultura.

Muitos dos valores da Contracultura (sexo, moda, música, drogas, etc.) começaram a fazer parte da cultura estabelecida, ou utilizando as palavras dos ativistas da Contracultura, foram “cooptados” pelo sistema. O caráter meramente mercadológico do Rock’n’Roll nunca fora excluído e a já citada contradição “*mostrar repulsa ao lucro x procura de lucro*” estava sendo resolvida com a vitória da busca incessante de lucro - se é que podemos dizer que sua “vitória”, em algum momento, tenha sido realmente ameaçada. Os salões e bailes de rock, que ajudaram a formar o “cenário de Rock’n’Roll” de San Francisco, foram substituídos por grandes concertos em ginásios e estádios, sempre para grandes multidões. As mais de 400 mil pessoas que compareceram no Festival de Woodstock mostraram à indústria da música qual seria o caminho do futuro do Rock’n’Roll<sup>107</sup>.

E também foi o “cenário do Rock’n’Roll” que forneceu os maiores símbolos da ruína da Contracultura: o Festival de Altamont, que já comentamos anteriormente; as mortes de Brian Jones (1º guitarrista dos Rolling Stones, afogado na sua piscina) em 1969, de Jimi Hendrix (engasgado com vômito após excessivo de consumo de barbitúricos) e Janis Joplin (overdose de heroína) em 1970 e de Jim Morrison (vocalista e

<sup>105</sup>. Para maiores informações do seqüestro de Patty Hearst, ver: HEARST, Patricia Campbell. **O Seqüestro de Patty**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

<sup>106</sup>. Informações extraídas de: COHN-BENDIT, Dany. **Nós que Amávamos Tanto a Revolução - 20 Anos Depois**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>107</sup>. ECHOLS, Alice. **Janis Joplin: Uma Vida, Uma Época**. São Paulo: Global, 2000.

compositor do conjunto *The Doors*, com problemas no coração) em 1971; e, logicamente, a separação dos Beatles, em 1970.

Mais do que o fim do grupo mais popular da década, esta separação marcou, simbolicamente, o fracasso da idéia da “celebração coletiva”, tão cara às comunidades alternativas e aos grandes festivais (como Monterey, Hyde Park e Woodstock, mesmo considerando o fracasso de Altamont). O “estilo tribal”, que tanto marcara os anos 60, seria dissolvido nos anos 70, a chamada “década do Eu”, década esta marcada por uma excessiva preocupação egoísta<sup>108</sup>.

Com ou sem “egoísmo”, muitos dos ativistas da Contracultura cresceram, formaram famílias, empregaram-se (quase sempre dentro do tão combatido “sistema”) para poderem sobreviver. Muitas das motivações do público da Contracultura eram apenas momentâneas - ou, em outras palavras, era apenas moda.

Outra razão da “derrota” foi a própria falta de definição da Contracultura como movimento: era algo abrangente demais para poder se manter por muito tempo. E, não podemos deixar de citar, faltou definição mais clara de seus objetivos: a “liberdade total” sem definição era insuficiente para “mudar o mundo”.

Anos depois do fim da Contracultura, a Guerra Fria também acabaria.

### O Fim da Guerra Fria... Será que Ela Acabou Mesmo?

Quando o mundo menos esperava, depois de mais de 40 anos de confrontos, a Guerra Fria acabou<sup>109</sup>.

A década de 80 foi terrível para a União Soviética pois, além do país ter sido atingido por uma fortíssima estagnação econômica, houve também uma estagnação tecnológica<sup>110</sup>. O governo do republicano Ronald Reagan<sup>111</sup>, percebendo tais condições, iria forçar ainda mais o clima

<sup>108</sup>. Para maiores detalhes sobre o “egoísmo” dos anos 70, ver: LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo: a Vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

<sup>109</sup>. Informações do fim da Guerra Fria que se seguem foram extraídas de: **Guerra Fria**. São Paulo, Rádio e Televisão Cultura, dirigido por Roseli Ferro, 1998; e **Cold War**. programa produzido e exibido pela Cable News Network (CNN), 1998.

<sup>110</sup>. Para maiores informações sobre a situação social da União Soviética na década de 80, ver: DOBBS, Michael. **A Queda do Império Soviético**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

<sup>111</sup>. De acordo com René Remond, o programa de Ronald Reagan “conjugava o velho individualismo americano, o dogma da livre iniciativa e as teses monetaristas da escola de Chicago: exprimia uma reação contra a expansão da administração federal e do Welfare



de “competição” típico da Guerra Fria, prejudicando ainda mais o já combalido império soviético<sup>112</sup>.

O governo de Ronald Reagan, além de ter utilizado uma agressiva propaganda política para manter o clima de confronto típico Guerra Fria e, conseqüentemente, conseguir aumentar sua popularidade (a União Soviética seria inúmeras vezes chamada por Reagan de “*Império do Mal*”, entre outras visões extremamente midiáticas e maniqueístas), também aumentou o clima de guerra propriamente dito, financiando grupos contra governos ou movimentos políticos de esquerda (como os Contra, na Nicarágua, e os rebeldes do Afeganistão contra as forças invasoras soviéticas) e aumentando o número de armas nucleares, de um modo geral.

Reações contrárias à política armamentista ocorreram, logicamente. O historiador E. P. Thompson, entre seus variados estudos, também iria comentar questões relacionadas com a Guerra Fria e sobre a expansão das armas atômicas. Uma dessas questões veio à tona em dezembro de 1979, em Bruxelas, quando a OTAN decidiu instalar os mísseis nucleares de curto alcance Cruise e Pershing II na Europa, o que resultaria num aumento ainda maior de armas nucleares em território europeu, além de transformar esse mesmo território num dos alvos preferenciais dos soviéticos em caso da eclosão da Terceira Guerra Mundial, transformando a Europa numa “barreira” nuclear dos Estados Unidos.

Essa decisão estimulou as discussões pacifistas em toda a Europa e Thompson foi um dos seus deflagradores. Seu artigo *Notas sobre o Exterminismo, o Estágio Final da Civilização*, publicado na revista *New Left Review*<sup>113</sup>, daria o pontapé inicial para intensas discussões. Nesse texto, Thompson criou o conceito “exterminismo” - a política praticada

---

State. Propunha um desengajamento do Estado, um desmantelamento da administração de Washington com a transferência de responsabilidade para os Estados, uma redução drástica de despesas, com exceção do orçamento da Defesa, mediante cortes severos nas verbas destinadas à assistência social e à educação, conjugada com uma volta ao equilíbrio orçamentário e uma diminuição significativa dos impostos diretos.” RÉMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 122.

<sup>112</sup>. Informações extraídas do documentário: **Império do Mal** (Ronald Reagan). Estados Unidos, WGBH Boston For The American Experience, produzido por Margaret Drain e Austin Hoyt, 1998.

<sup>113</sup>. O texto de Thompson na revista, bem como respostas e comentários a ele, foram organizados em livro lançado no Brasil. THOMPSON, E. P. *et alii*. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

de valorização das armas nucleares para resolver as questões mundiais, relegando o ser humano a um segundo plano<sup>114</sup>.

Thompson, analisando a Guerra Fria mais detalhadamente, destacou que ela, além de ser fruto da deterioração das tradições europeias, o que provocou uma divisão inaceitável entre o Leste e o Oeste, sobreviveu desde 1945 por causa da existência e aumento contínuo dos arsenais nucleares e que, para que a Guerra Fria deixasse de existir, era preciso acabar com esses arsenais<sup>115</sup>.

Cornélius Castoriadis, além dos seus estudos sobre o imaginário, também preocupou-se com a Guerra Fria e com os problemas europeus no início da década de 80. Sua obra *Diante da Guerra* fazia uma grave denúncia contra as políticas armamentistas das duas grandes potências, cujo clima de confronto poderia levar o mundo para uma guerra destruidora. Castoriadis, reconhecendo sua impotência (e também da maior parte da humanidade) perante as possibilidades de se evitar a guerra, pediu lucidez<sup>116</sup>.

Apesar dos protestos, Reagan manteve sua política agressiva perante os soviéticos. Talvez o símbolo maior desta política agressiva tenha sido o anúncio, no começo da década de 80, da criação de um sofisticado plano de defesa que ficaria popularmente conhecido como *Star Wars* (*Guerra nas Estrelas* que, como o termo *Império do Mal*, foi baseado no famoso filme de mesmo nome), que consistia num complexo sistema de satélites munidos de raios *laser*, comandados por computador, que, em caso de uma guerra nuclear, atingiram os mísseis soviéticos antes deles chegarem a alvos ocidentais<sup>117</sup>.

Apesar do estardalhaço do anúncio deste plano de defesa, muito pouca coisa foi feita efetivamente para concretizá-lo e, poucos anos depois, o projeto seria abandonado. Mas, além de ter sido mais uma das armas de propaganda política dos republicanos para conquistar o eleitorado aproveitando-se das fortes imagens maniqueístas da dinâmica da

---

<sup>114</sup>. THOMPSON, 1985.

<sup>115</sup>. THOMPSON, E. P. **Beyond the Cold War**. London: Merlin Press, 1982.

<sup>116</sup>. De acordo com Castoriadis: "Nós não temos nenhum poder diante do processo que se está ampliando e que só ganha sentido quando referido à guerra, próxima ou distante. Não temos tampouco nenhum poder sobre a atitude de um grande número de pessoas, aqui e lá - do outro lado da cortina de ferro -, que é a única força que poderia paralisar o processo. Tudo o que depende de nós é contribuir para a sobrevivência, através do cataclisma que nos ameaça, dos germes - os mais numerosos e vigorosos possíveis - de espírito crítico, de lucidez, de liberdade, de responsabilidade." CASTORIADIS, Cornélius. **Diante da Guerra - V. 1: As Realidades**. São Paulo, Brasiliense: 1982, p. 16 e 17.

<sup>117</sup>. DOBBS, 1998.

Guerra Fria que ainda imperava na sociedade norte-americana, o alcance propagandístico desta “arma” fora dos Estados Unidos funcionou plenamente e “atingiu” o seu alvo: Moscou.

Os dirigentes soviéticos apavoraram-se perante as perspectivas do projeto *Guerra nas Estrelas* ser levado realmente adiante pelos norte-americanos. A concorrência com os norte-americanos, até então, tinha sido feita de uma maneira muito intensa, mas sempre com desvantagens para os soviéticos, principalmente no campo tecnológico<sup>118</sup>. A própria corrida espacial, que os soviéticos lideraram nos anos iniciais, foi perdida quando os Estados Unidos alcançaram a Lua. Os arsenais atômicos soviéticos eram menores e com tecnologia muito inferior, comparando-se com a mesma tecnologia norte-americana. O projeto *Guerra nas Estrelas* foi a “pá de cal” na concorrência soviética no quesito de armamentos. O todo poderoso império soviético não tinha condições de realizar, tanto em termos tecnológicos ou econômicos, um projeto de tal magnitude.

Não tendo condições de rivalizar como os norte-americanos e com sua economia decaindo desesperadamente a cada ano, toda a estrutura soviética foi repensada, inclusive dentro do poderoso (e conservador) Exército Vermelho. Uma série de mudanças políticas (Glasnost) e econômicas (Perestroyka) seriam realizadas pelo governo de Mikhail Gorbachev, tentando revigorar o velho império<sup>119</sup>.

Gorbachev não tentou destruir o comunismo soviético, mas sim revigorá-lo e modernizá-lo, mas a situação saiu do seu controle. Logo, os países dentro da área de influência soviética seguiriam os mesmos caminhos e, com uma maior liberdade econômica, começaram a surgir movimentos exigindo também liberdade política, inclusive dentro dos estados soviéticos - e, entre estes estados, estava também a Rússia.

Um a um os países do Leste Europeu foram se desvinculando dos regimes comunistas que os governaram desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Em alguns casos, esta desvinculação foi pacífica, como na Bulgária, Tchecoslováquia, Polônia e Alemanha Oriental - cuja capital assis-

---

<sup>118</sup>. A própria derrota soviética no Afeganistão foi resultado direto da superioridade tecnológica norte-americana, que ofereceu para os guerrilheiros afegãos armas leves que poderiam destruir os poderosos helicópteros soviéticos. Informação extraída do documentário: **Os Bastidores da CIA**, Estados Unidos, Discovery Channel, produzido por Alan Levin e Stephen Stept, 1997.

<sup>119</sup>. Referências à queda da União Soviética extraídas de DOBBS, 1998, e do documentário **Mikhail Gorbachev - O Homem que Mudou o Mundo (Mikhail Gorbachev - The Man Who Changed the World)**, Inglaterra, BBC News, produzido por Rosalind Erskine, 1999.

tiu a queda do famoso Muro de Berlim, que transformou-se no símbolo do fim do comunismo. Em outros países a violência esteve presente, como nos casos da Romênia (onde o ditador Nicolae Ceaucescu e sua esposa Elena seriam presos e fuzilados) e na Iugoslávia que, mesmo não estando completamente atrelado aos soviéticos, assistiu uma série de reivindicações nacionalistas que iriam fragmentar o país. A própria União Soviética seria fragmentada e, com seu fim em 1991, acabou definitivamente a Guerra Fria<sup>120</sup>.

Com a queda do muro de Berlim em 1989 e a desestruturação do império soviético em 1991, desapareceu o “inimigo” que justificava a política de intervenção global dos Estados Unidos - o comunismo não precisava mais ser “contido” pelo simples fato de não existir mais, com algumas (e frágeis) exceções, como a isolada e subestimada Cuba (a China, apesar de ser uma ditadura, promoveu uma intensa e lucrativa abertura econômica com o ocidente).

Assim, os Estados Unidos encontrariam uma nova desculpa econômica para manter sua hegemonia: a Globalização, que praticamente obriga todos os países do mundo a seguirem o modelo econômico dos Estados Unidos. Para Chomsky, a Globalização não passa da continuidade da Guerra Fria em outros termos: antes, os Estados Unidos utilizavam-se de intervenções e golpes para impor a sua hegemonia; na “Nova Ordem Mundial”, utilizam-se da lógica do mercado e das bolsas de valores<sup>121</sup>.

A política de dominação mundial tentada pelos Estados Unidos desde 1945 continua, na visão de Chomsky, mesmo sem precisar de “inimigos”, embora eles eventualmente apareçam, como aconteceu com os narcotraficantes, com os terroristas árabes e, em 1990 e 1991, com Saddam Hussein e a Guerra do Golfo<sup>122</sup>. Na verdade, os Estados Unidos começaram a eleger novos inimigos para substituir o comunismo. Chomsky complementa que:

Quanto à Nova Ordem Mundial, ela é muito como a velha, com uma nova aparência. (...) As regras básicas da ordem mundial permanecem como sempre foram: o governo da lei para os fracos, o governo da força

---

<sup>120</sup>. Informações extraídas dos documentários **Guerra Fria**, programa produzido e exibido pela Rádio e Televisão Cultura, 1998 e **Cold War**, programa produzido e exibido pela Cable News Network (CNN), 1998.

<sup>121</sup>. CHOMSKY, 1996.

<sup>122</sup>. *Idem*.

para os fortes; os princípios de “racionalidade econômica” para os fracos, o poder e a intervenção de Estado para os fortes.<sup>123</sup>

Até que ponto Noam Chomsky está certo? O fim da União Soviética selou o fim da política de “esferas” de influência da maneira fechada com que foi elaborada no pós-Segunda Guerra Mundial. Mas ainda é cedo para tirarmos conclusões definitivas. De qualquer forma, Chomsky está certo num ponto: com ou sem “guerras”, a presença norte-americana na vida de todo o planeta é incontestável - e, aparentemente, será uma realidade por muitos e muitos anos<sup>124</sup>.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGEE, Philip. **Dentro da “Companhia” - Diário da CIA**. São Paulo, Círculo do Livro, 1976;
- ALPEROVITZ, Gar. **Diplomacia Atômica: o Uso da Bomba Atômica e o Confronto do Poder Americano com o Soviético**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, Saga, 1969;
- Attica: Solução Final** (Against the Wall). Filme, Estados Unidos, dirigido por John Frankenheimer, 1993;
- BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In **Enciclopédia Eunaudi**, n. 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985;
- BAPTISTA JR., Roberto. **Comunismo Internacional, Repressão e Intervencionismo nos governos Dutra e Vargas (1945-1954)**. Brasília, Dissertação de Mestrado, Março/2001 (mimeo);

---

<sup>123</sup> *Idem*, p. 335.

<sup>124</sup> Depois do fim da Guerra Fria, algumas visões bastante exageradas foram construídas a partir da “derrota” comunista, como o polêmico **O Livro Negro do Comunismo**, que parte do princípio de que os governos comunistas cometeram crimes contra a humanidade. Embora um governo como o de Pol Pot, no Camboja, seja efetivamente criminoso, não podemos exagerar nesta fórmula. Dentro desta lógica, uma série de governos não-comunistas também cometeram uma série de crimes e não estão sendo conclamados como “criminosos”. E por que não dizer de “crimes” que foram cometidos em nome de Jesus Cristo, Maomé, Buda, etc.? Poderíamos condenar também Jesus Cristo ou Maomé por estes “crimes”? COURTOIS, Stéphane *et alii*. **O Livro Negro do Comunismo - Crimes, Terror e Repressão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

- Os Bastidores da CIA.** Documentário, Estados Unidos, Discovery Channel, produzido por Alan Levin e Stephen Stept, 1997;
- CASTORIADIS, Cornélius. **Diante da Guerra - V. 1: As Realidades.** São Paulo, Brasiliense, 1982;
- \_\_\_\_\_. **A Instituição Imaginária da Sociedade.** 3 ed, São Paulo, Paz e Terra, 1982;
- CHOMSKY, Noam. **Novas e Velhas Ordens Mundiais.** São Paulo, Scritta, 1996;
- CHURCHILL, Winston S. **Memórias da Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995;
- COBEN, Stanley; RATNER, Norman (orgs.). **O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana.** Rio de Janeiro, Anima, 1985;
- COHN-BENDIT, Dany. **Nós que Amávamos Tanto a Revolução - 20 Anos Depois.** São Paulo, Brasiliense, 1987;
- Cold War.** Documentário, Estados Unidos, CNN, produtores executivos Pat Mitchell e Jeremy Isaacs, 1998;
- COURTOIS, Stéphane *et alii*. **O Livro Negro do Comunismo - Crimes, Terror e Repressão.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999;
- CUMINGS, Bruce. Japan and the Asian Periphery. In LEFFLER, Melvyn P.; PAINTER, David S. (orgs.). **Origins of the Cold War - An International History.** London/New York, Routledge, 1995;
- DECCA, Edgar Salvadori de. Rebeldia e Revolução na História Social. In BRESCIANI, Maria Stella; SAMARA, Eni de Mesquita; LEWKOWICZ, Ida (orgs.). **Jogos da Política - Imagens, Representações e Práticas.** São Paulo, ANPUH/São Paulo, Marco Zero, FAPESP, 1992;
- DEUTSCHER, Isaac. **Ironias da História – Ensaio sobre o Comunismo Contemporâneo.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968;
- \_\_\_\_\_. Mitos da Guerra Fria. In HOROWITZ, David (org.). **Revolução e Repressão.** Rio de Janeiro, Zahar, 1969;

- Um Dia de Cão** (Dog Day Afternoon). Filme, Estados Unidos, dirigido por Sidney Lumet, 1975;
- O Dia Seguinte** (The Day After). Filme, Estados Unidos, dirigido por Nicholas Meyer, 1983;
- DOBBS, Michael. **A Queda do Império Soviético**. Rio de Janeiro, Campus, 1998;
- ECHOLS, Alice. **Janis Joplin: Uma Vida, Uma Época**. São Paulo, Global, 2000;
- FENELON, Déa R. **A Guerra Fria**. Coleção “Tudo é História”, n. 64, São Paulo, Brasiliense, 1983;
- FIGES, Orlando. **A Tragédia de um Povo - A Revolução Russa: 1891-1924**. Rio de Janeiro, Record, 1999;
- FLEMING, D. F. **The Cold War and Its Origins – 1917- 1960**. V. 1, Nova Iorque, Garden City, 1961;
- FRANCIS, Paulo. **Trinta Anos Esta Noite: 1964, O Que Vi e Vivi**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994;
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987;
- GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1987;
- Guerra Fria**. Documentário, São Paulo, Rádio e Televisão Cultura, dirigido por Roseli Ferro, 1998;
- HEARST, Patricia Campbell. **O Seqüestro de Patty**. Rio de Janeiro, Record, 1990;
- HOBSBAWN, Eric J. Maio de 1968. In **Revolucionários**. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985;
- \_\_\_\_\_. Revolução e Sexo. In **Revolucionários**. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985;
- \_\_\_\_\_. **Era dos Extremos - O Breve Século XX, 1914-1991**. 2 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;

- HOLLOWAY, David. **Stalin e a Bomba**. Rio de Janeiro, Record, 1997;  
<http://www.fordham.edu/halsall/mod/churchill-iron.html>;  
<http://www.fordham.edu/halsall/mod/1947TRUMAN.html>;  
<http://www.seas.gwu.edu/nsarchive/coldwar/documents/episode-1/kenna.htm>;
- Império do Mal** (Ronald Reagan). Documentário, Estados Unidos, WGBH Boston For The American Experience, produzido por Margaret Drain e Austin Hoyt, 1998;
- JACOBY, Russell. **Os Últimos Intelectuais: a Cultura Americana na Era da Academia**. São Paulo, Trajetória Cultural, Editora da Universidade de São Paulo, 1990;
- KENNAN, George. **Memoirs: 1925-1950**. Boston, Little, Brown, 1967;
- KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997;
- KOLKO, Gabriel. **Century of War – Politics, Conflicts, and Society Since 1914**. Nova Iorque, The New Press, 1994;
- \_\_\_\_\_. **The Limits of Power**. Nova Iorque, Harper & Row Publishes, 1970;
- LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo: a Vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio**. Rio de Janeiro, Imago, 1983;
- LEARY, Timothy. **Flashbacks “Surfando no Caos” - uma Autobiografia**. São Paulo, Beca Produções Culturais, 1999;
- LEFFLER, Melvyn. National Security and US Foreign Policy. In LEFFLER, Melvyn P.; PAINTER, David S. (orgs.). **Origins of the Cold War - An International History**. London/New York, Routledge, 1995;
- LIPPMANN, Walter. **The Cold War: a Study in U. S. Foreign Policy**. Nova Iorque, Harper and Bros., 1947;
- LLOYD, Dana Ohlmeyer. **Ho Chi Minh**. Coleção “Os Grandes Líderes”, São Paulo, Nova Cultural, 1987;



- Barros, Edgar Luiz de. **A Guerra Fria**. 3 ed. São Paulo: Atual; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1985;
- MAGNOLI, Demétrio **Da Guerra Fria à Détente - Política Internacional Contemporânea**. Campinas, Papyrus, 1988;
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro, Saga, 1968;
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. “Edições Sociais”, São Paulo, Alfa-Ômega, 1977;
- MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me Por Favor - uma História sem Censura do Punk**. Porto Alegre, L&PM, 1997;
- Mikhail Gorbachev - O Homem que Mudou o Mundo** (Mikhail Gorbachev - The Man Who Changed the World). Documentário, Inglaterra, BBC News, produzido por Rosalind Erskine, 1999;
- MORROCK, Richard. Revolução e Intervenção no Vietname. In HOROWITZ, David (org.). **Revolução e Repressão**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969;
- PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. Coleção “Primeiros Passos”, 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1984;
- RÉMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo, Martins Fontes, 1989;
- ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1972;
- SCHWARZ, Roberto. Um Seminário de Marx. In **Folha de S. Paulo** (Caderno “Mais!”), São Paulo, 08/10/95;
- SHERWIN, Martin J. The Atomic Bomb. In LEFFLER, Melvyn P.; PAINTER, David S. (orgs.). **Origins of the Cold War - An International History**. London/New York, Routledge, 1995;
- SHERWOOD, Robert E. **Roosevelt e Hopkins - uma História da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998;
- THOMPSON, E. P. **Beyond the Cold War**. London, Merlin Press, 1982;

- THOMPSON, E. P. *et alii*. **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo, Brasiliense, 1985;
- TRASIBULO, Maria Cristina; HENRIQUE, Don Alfonso e AUGUSTUS, Cesar. **En Los Subterráneos de La Guerra Psicológica - CIA/KGB: El Nuevo Tratado de Tordesillas**. Lisboa, Editora Latina, [s.d.];
- TUCHMAN, Barbara. W. **A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã**. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986;
- VIDAL, Gore. As Diversões Imperiais. In **Folha de S. Paulo**. (Caderno Mais!), São Paulo, 07/12/97;
- WELLS, Tom. **The War Within: America's Battle Over Vietnam**. Los Angeles, University of California Press Ltda, 1994;
- WESSON, Robert G. **A Nova Política Externa dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978;
- WOLFE, Tom. **O Teste do Ácido do Refresco Elétrico**. Rio de Janeiro, Rocco, 1993;
- YOUNG, John W. **The Longman Companion to Cold War and Detente, 1941-91**. New York, Longman, 1993.

## RESUMO

### **O Imaginário da Guerra Fria**

Este artigo pretende discutir a formação da Guerra Fria - fenômeno determinante de grande parte das relações políticas mundiais depois do fim da Segunda Guerra Mundial até 1989, momento da derrubada do Muro de Berlim, e 1991, momento do desmantelamento da União Soviética - e apresentá-la como um imaginário social, o "Imaginário da Guerra Fria".

**Palavras Chave:** Guerra Fria; Imaginário; Democracia; Comunismo; Bombas Atômicas; Contracultura.

## ABSTRACT

**Cold War Imagery**

This article tends to discuss the formation of the Cold War – which influenced and determined a great deal of the world political relations from the end of Second War to the beginning of 1990s, when two majors events took place: the fall of the Berlím’s Wall and the end of Soviet Union – it also aims at presenting the Cold War as a social imagery, the “Cold War Imagery”.

**Key words:** Cold War; Imaginary; Democracy; Communism; Atomic Bombs; Counter Culture.

